



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Diana Cristina Barbosa Maciel

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Histórias com Valores:
um estudo com crianças do Pré - Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Gabriela Barbosa

novembro de 2015

Agradecimentos

Este relatório é o culminar de um percurso académico do qual fizeram parte diversas pessoas. Assim sendo, não posso deixar de agradecer a todos os que contribuíram de alguma forma para que esta etapa da minha vida se concretizasse.

Obrigada aos meus Pais e ao meu irmão, pela dedicação e disponibilidade que sempre demonstraram, e pelo apoio incondicional em todos os momentos, sem eles não teria sido possível a concretização deste percurso académico;

Obrigada ao Ricardo, pelo carinho, paciência e motivação que fizeram com que nunca me sentisse desapoiada;

Obrigada à minha amiga Soraia, pela amizade e pelas palavras de encorajamento;

Obrigada à Andreia, o meu par de estágio, pelo companheirismo, ajuda e compreensão;

E evidentemente obrigada à minha orientadora, Professora Doutora Gabriela Barbosa, por toda a ajuda e conhecimentos partilhados;

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma se cruzaram comigo nesta etapa tão importante, e nomeadamente pela partilha de experiências e aprendizagens.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

O presente relatório de estudo está inscrito na Prática de Ensino Supervisionada II do mestrado de educação pré-escolar. Descreve-se a intervenção pedagógica-didática desenvolvida e o estudo de investigação realizado num grupo de crianças de três anos, de um jardim-de-infância da rede pública do concelho de Viana do Castelo. Este trabalho de investigação teve como objetivo essencial perceber se as histórias infantis se constituem como estratégia-para inculcar valores sociais a crianças em idade pré-escolar. Tendo em conta o que se pretendia, o grupo de crianças onde foi realizado este estudo concretizou diversas atividades que visavam promover comportamentos relacionados com a partilha, a ajuda, a amizade e o respeito, e de acordo com o objetivo do estudo, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza interpretativa.

O estudo foi realizado entre o mês de março e junho de 2015, e os dados recolhidos através de filmagens e fotografias, notas de campo, registos gráficos e por observação direta. O grupo sobre o qual incidiu esta investigação encontrava-se na faixa etária dos três anos de idade, e era composto por quinze crianças. Embora tenha sido um grupo homogéneo tendo em conta a faixa etária, em termos de desenvolvimento era heterogéneo, e nesse sentido, as atividades foram pensadas e elaboradas tendo em conta esses aspetos. Portanto, a análise dos dados permitiu perceber que as histórias para crianças se revelaram uma estratégia apelativa e um bom veículo para a transmissão de valores, e que é possível nesta faixa etária caracterizada pelo egocentrismo, sensibilizar para comportamentos e atitudes mais adequadas, levando as crianças a porem em prática o que aprenderam.

Palavras – Chave: Educação pré-escolar; Histórias Infantis; Valores Sociais.

Abstract

This study report is enshrined into the Practice Supervised Education II master's degree in preschool education, which was implemented during the intervention in preschool context. This research work presented here has the essential point to understand if, it is possible the children's stories constitute an appropriate strategy to instill social values in preschool education. Taking into account what was intended, the group of children which was conducted this study, underwent various activities that have been planned to suit the chosen stories and values that it was intended to instill. The aim was therefore to create activities that would enable observe and analyze behaviors related to sharing, mutual aid, friendship and respect, in particular to understand how children put them into practice and demonstrate appropriate behaviors.

The study was conducted between March and June 2015, and the data collected through filming and photographs, field notes, charts, records and direct observation. The group focused on which this investigation was in the age group of three years old, and was composed of fifteen children. Although it was a homogeneous group given the age group, in terms of development it was heterogeneous, and in that sense, the activities were conceived and developed taking into account these aspects. Therefore, through this research it found that the stories for children are a good vehicle for the transmission of values , and it is possible this featured age by self-centeredness, to raise awareness of more appropriate behaviors and attitudes, taking the kids to implement what they have learned.

Key - words: Preschool Education; Children's stories; Social values.

Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo.....	2
Abstract.....	3
Índice.....	4
Lista de ilustrações.....	6
Lista de tabelas.....	8
Introdução.....	9
Parte I - Caracterização do Contexto Educativo.....	11
1.Caraterização do Contexto Educativo.....	12
1.1. Caraterização do Meio.....	12
1.2. Caraterização do Contexto Escolar.....	13
1.3. Caraterização da sala de atividades.....	15
1.4. Caraterização do grupo e dinâmicas implementadas.....	17
Parte II - Projeto de Investigação.....	25
1.Enquadramento do Estudo.....	26
1.1. Contextualização do Estudo.....	26
2.Fundamentação Teórica.....	29
2.1. A literatura infantil – Uma breve contextualização.....	29
2.2. A importância da leitura nos primeiros anos para o desenvolvimento da criança..	30
2.3. A Arte de Contar Histórias: a Hora do Conto.....	32
2.3.1. O espaço das histórias no Jardim de Infância.....	32
2.4. A literatura infantil na construção de valores.....	34
2.4.1. Os animais como tema literário.....	34
2.5. A Educação para os Valores.....	36
2.5.1. Conceito de valor.....	36
2.6. A Escola na Educação para os Valores.....	37
3. Metodologia Implementada.....	40
3.1. Opções Metodológicas.....	40
3.2. Participantes na Investigação.....	41
3.3. Instrumentos de recolha de dados.....	42
3.3.1. Observação.....	42
3.3.2. Notas de campo.....	42
3.3.3. Filmagens e Registos Fotográficos.....	43
3.3.4. Registos Gráficos.....	43
3.4. Intervenção Educativa.....	43

3.5. Apresentação e Caracterização das atividades realizadas	46
3.6. Procedimento de análise de dados.....	61
4. Análise e Tratamento de Dados	62
4.1. Interpretação dos dados recolhidos nas tarefas	62
4.2. Síntese da análise e interpretação de dados	86
5. Conclusões do Estudo.....	88
5.1. Principais conclusões do estudo	88
Parte III - Reflexão Final.....	92

Referências Bibliográficas

Anexos

Pedido de Autorização para Filmagens e Fotografia

História: "Caracol e Lagarta" de Armando Quintero

História: "A Que Sabe a Lua" de Michael Grejniec

História: "A Ovelhinha que veio para o Jantar" de Steve Smallman

História: "Orelhas de Borboleta" de Luisa Aguilar

Lista de ilustrações

Ilustração 1 - Mapa do concelho de Viana do Castelo.....	12
Ilustração 2- Instalações do Jardim-de-Infância.....	13
Ilustração 3 - Espaços Exteriores (área de relvado e parque infantil).....	14
Ilustração 4 - Lagartinha e Puzzle.....	18
Ilustração 5 - Jogo da Memória.....	18
Ilustração 6 - Padrões.....	19
Ilustração 7 - Recorte da folha.....	19
Ilustração 8 - Atividades de colagem.....	20
Ilustração 9 - Atividades de Pintura com pincel.....	20
Ilustração 10 - Desenho da figura humana.....	20
Ilustração 11- Jogos de expressão motora.....	21
Ilustração 12 -- Dramatização da História "Coelhinho Branco"	22
Ilustração 13 - Dramatização da história "Caracol e Lagarta"	22
Ilustração 14 - Contacto com animais	23
Ilustração 15 - Experiências realizadas.....	23
Ilustração 16 - Desenho que pintaram a pares.....	47
Ilustração 17 - Capa da história: "Caracol e Lagarta"	47
Ilustração 18 - Caixa dos valores.....	48
Ilustração 19 - Árvore da Partilha.....	48
Ilustração 20 - Folha para pintar a pares.....	48
Ilustração 21 - Capa da história "A que sabe a lua"	48
Ilustração 22 - Tapete da história "A que sabe a lua"	49
Ilustração 23 - Recadinho.....	50
Ilustração 24 - Cartaz de "Ajuda e Não Ajuda"	51
Ilustração 25 - Capa da história "A Ovelhinha que veio para o jantar"	51
Ilustração 26 - Materiais para dramatização da história.....	52

Ilustração 27 - Tarefa a pares para posteriormente construir o coração da amizade.....	53
Ilustração 28 - Coração da Amizade.....	54
Ilustração 29 - Jogo do Amigo Escondido.....	54
Ilustração 30 - Imagens contidas no vídeo: "Amizade VS Não Amizade"	55
Ilustração 31 - Capa da história "Orelhas de Borboleta"	55
Ilustração 32 - Crianças na hora do conto, a visualizar a história em vídeo.....	56
Ilustração 33 - Construção do Jardim do Respeito.....	57
Ilustração 34 - Sinais de Trânsito utilizados no jogo de motricidade.....	58
Ilustração 35 - Circuito (estrada)	58
Ilustração 36 - Pictograma das escolhas das crianças.....	59
Ilustração 37 - Puzzle dos Valores.....	60
Ilustração 38 - Desenho do par MS e JF.....	66
Ilustração 39 – Desenho do par DL e HC.....	66
Ilustração 40 - Desenho do par RB e RS.....	67
Ilustração 41 – Cartaz Final.....	73
Ilustração 42 – Crianças a observarem o circuito.....	77
Ilustração 43 – Circuito dos sinais de trânsito.....	77
Ilustração 44 - Durante a canção as crianças cantam e dão a mão ao amigo.....	79
Ilustração 45 - Crianças dão um abraço no final da canção.....	79
Ilustração 46 - Coração da Amizade.....	81
Ilustração 47 - Jardim do Respeito construído pelas crianças.....	82
Ilustração 48 - As crianças a construir uma pequena estrada na sala utilizando os sinais de trânsito.....	83
Ilustração 49 – Pictograma das escolhas dos valores.....	83
Ilustração 50 - Confeção da Manta dos Valores.....	84
Ilustração 51 - Manta dos Valores.....	85
Ilustração 52 - Crianças a montar o Puzzle.....	86

Lista de tabelas

Tabela 1 - Síntese das tarefas realizadas, respetivos objetivos e calendarização.....45

Tabela 2 - Síntese das observações da atividade de diagnóstico.....65

Introdução

O presente relatório é o culminar da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar. O trabalho de investigação aqui apresentado foi realizado num Jardim de Infância do concelho de Viana do Castelo, e intitula-se Histórias com Valores: um estudo realizado com crianças de 3 anos.

Este estudo investigativo procura sensibilizar os mais novos para a importância dos valores utilizando as histórias infantis como forma de os envolver e promover a prática de comportamentos e atitudes adequadas. Importa salientar o que está preconizado no documento da Orientações Curriculares ao nível do que deve ser a formação pessoal e social da criança, “favorecer, (...), a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” e “contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida”. (M.E, 1997). Porque os valores não se ensinam, mas adquirem-se nas vivências, ações e relações com os outros, as histórias infantis podem ser consideradas como um dos meios facilitadores na sensibilização dos valores e também podem ser consideradas como um instrumento pedagógico detentor de mensagens e ideias úteis para o desenvolvimento e crescimento estável e harmonioso das crianças. Através das histórias, as crianças divertem-se, aguçam a sua curiosidade e desenvolvem valores sociais.

Este relatório encontra-se dividido em três partes, sendo que cada uma delas se encontra subdividida em diferentes secções. Na primeira parte, encontramos a caracterização do contexto educativo, onde se apresenta a descrição do meio, do JI, e da sala de atividades, reserva-se também uma secção para a caracterização do grupo de crianças para uma apresentação sumária das dinâmicas implementadas.

A segunda parte intitulada de projeto de investigação, apresenta todo o processo de investigação, e encontra-se dividida em cinco secções. Deste modo, encontramos na primeira secção, o enquadramento do estudo, evidenciando a pertinência do mesmo. A

segunda secção do projeto de investigação é dedicada à fundamentação teórica que evidencia as conceções do estudo, e encontra-se subdividida em seis subsecções: A literatura infantil – Uma breve contextualização; A importância da leitura nos primeiros anos para o desenvolvimento da criança; A Arte de Contar Histórias: a Hora do Conto que evidencia o espaço das histórias no Jardim de Infância; A literatura infantil na construção de valores que enaltece os animais como tema literário; A Educação para os Valores, destacando também o conceito de valor; e A Escola na Educação para os Valores.

A terceira secção refere-se à metodologia utilizada no estudo bem como as opções metodológicas adotadas, os participantes na investigação, os instrumentos de recolha de dados, a intervenção educativa, a calendarização das atividades e por fim o procedimento de recolha de dados. A quarta secção refere-se à análise e tratamento de dados, onde é feita uma interpretação dos dados obtidos. Na quinta secção são apresentadas as conclusões do estudo, tendo em conta os objetivos definidos para esta investigação.

Na terceira e última parte, é apresentada a reflexão final da Prática de Ensino Supervisionada I e II, salientando a importância desta unidade curricular no curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar para o progresso de um profissional de educação.

PARTE I – CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

1. Caraterização do Contexto Educativo

Nesta secção são apresentados e caraterizados o meio, o contexto educativo, a sala de atividades bem como o grupo, onde decorreu toda a Prática de Ensino Supervisionada II.

1.1. Caraterização do Meio

O contexto educativo onde se realizou este estudo encontra-se situado numa das 40 freguesias que integram o concelho de Viana do Castelo. Evidenciando mais a sua localização, esta freguesia está situada a sul da cidade de Viana do Castelo, na margem esquerda do Rio Lima do qual se afasta cerca de 4 km.



Ilustração 1 - Mapa do concelho de Viana do Castelo

Em conformidade com o Instituto Nacional de Estatística (INE), segundo dados recolhidos pelos censos 2011 esta freguesia tem 2415 habitantes, sendo que a sua maioria tem idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos. Esta freguesia é considerada alfabetizada, tendo em conta que a taxa de analfabetismo é reduzida, rondando os

4,96%. Desta população, 66 crianças frequentam o ensino pré-escolar, 1509 tem o ensino básico completo, 391 o ensino secundário e 295 o ensino superior.

A nível socioeconómico, os habitantes desta freguesia têm a sua atividade profissional nos variados setores de produção, sendo que a maioria são empregados administrativos do comércio e serviços, operários qualificados e semiquilificados. Além do comércio existente, também são praticadas outras atividades socioeconómicas, como a agricultura e a indústria.

O património arquitetónico e o meio ambiente em que se insere oferecem a esta freguesia muitas atrações de interesse turístico a serem usufruídas em benefício do crescimento local. Existem também inúmeras associações e coletividades que têm vindo a crescer ao longo dos tempos.

1.2. Caracterização do Contexto Escolar

O contexto educativo onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II pertence a um dos agrupamentos verticais de escolas do concelho Viana do Castelo. Construído de raiz, este edifício de carácter público, acolhe cinquenta e cinco crianças com idades compreendidas entre três e seis anos. Num edifício ao lado funciona o 1º ciclo, que usufrui da cantina do JI, visto que a cantina é usada pelos dois ciclos de ensino, possui um polivalente, uma biblioteca e salas de aula. É de referir que o espaço de polivalente pode ser utilizado também pelo JI.



Ilustração 2- Instalações do Jardim-de-Infância

O horário de funcionamento da instituição é das 9h00m às 15h30m, sendo este depois alargado da parte da manhã e da tarde para a componente de apoio à família (CAF).

Relativamente aos recursos humanos, o jardim-de-infância apresenta uma equipa de três educadoras, apoiadas por duas auxiliares de ação educativa, e uma animadora sociocultural. O jardim é ainda apoiado por duas auxiliares na componente de apoio à família e quatro cozinheiras que prestam serviços diariamente.

O jardim apresenta relativamente às infraestruturas uma dimensão bastante favorável, sendo o interior das instalações composto por um hall de entrada, três salas com crianças de diferentes faixas etárias e respetivas casas de banho, uma sala comum, um escritório/ sala de convívio das educadoras e ainda uma casa de banho destina ao pessoal.

Relativamente ao espaço exterior, este contém um amplo espaço livre, dividido por uma área de relvado, uma área de cimento que contém um jardim construído pelas crianças do JI, e também um parque onde se podem encontrar, um escorrega, um balancé, entre outros equipamentos de que as crianças podem usufruir. De um modo geral, o espaço reúne condições de segurança e bem-estar para as crianças. O espaço do parque é apenas utilizado pelas crianças do pré-escolar, e na zona destinada ao 1º ciclo, apenas brincam as crianças do mesmo, que também contém um campo de areia, onde podem realizar diversas atividades desportivas.



Ilustração 3 - Espaços Exteriores (área de relvado e parque infantil)

1.3. Caraterização da sala de atividades

A sala de atividades de um jardim-de-infância é um espaço que deve ser acolhedor pois é o local onde as crianças passam a maior parte do seu dia. A sala de atividade abrange crianças com três anos de idade, apresentando um espaço amplo, bem iluminado, com grandes janelas que possibilitam às crianças o visionamento de outras áreas comuns. O pavimento apresenta um aspeto confortável e de fácil higienização.

A sala usufrui ainda de variados locais de exposição de trabalhos, que contribuem para a construção da autoestima e motivação das crianças para a realização dos mesmos. O placar que se encontra no exterior da sala, junto à porta, permite também a visualização de trabalhos por parte da comunidade.

Relativamente à organização da sala inicialmente esta estava dividida em duas áreas diferentes para momentos distintos de aprendizagens, uma com cadeiras em semicírculo, destinadas a momentos de rotinas e conversas em grande grupo e a outra área é destinada a momentos de trabalho. Com o decorrer do estágio, e para um melhor ajuste e organização da sala, foram colocadas as mesas em “U” para que as crianças se inteirassem de todas as áreas da sala, e também no sentido de estabelecer um contacto visual das crianças umas com as outras, e com a educadora.

Esta mudança foi importante pois possibilitou uma maior interação entre as crianças, aquando de situações de conversas, em que as crianças davam a sua opinião e ainda comentavam as opiniões das restantes crianças, esse contacto visual foi deveras fulcral tanto a nível cognitivo, como social e afetivo.

Ao redor de toda a sala, é possível verificar a existência de nove áreas distintas:

- A área de acolhimento/ rotinas, que é constituída pelo quadro das presenças, o quadro do chefe, ainda o mapa do tempo, em termos de organização, cada criança tem a sua cadeira com o respeito símbolo, ao todo são 15 cadeiras, e 5 mesas dispostas em “U”. Esta área destina-se à reunião do grande grupo, bem como à formação e organização de grupos de trabalho.
- A área das construções, contém materiais de encaixe, carros e legos de diversos tamanhos e formas, possui também um tapete, e animais de borracha. Nesta área, as crianças optam por brincar a pares ou em grupo, a lotação desta área é de 4 crianças.

- A área da casinha, composta por uma cozinha, com fogão, forno e um armário com utensílios e alimentos de plástico, um quarto com mobiliário e um espelho. Esta área encontra-se bastante dinamizada e com diversos recursos permitindo que as crianças vivenciem papéis familiares e sociais. Nesta área apenas podem estar 5 crianças de cada vez.
- A área da modelagem, tem ao dispor material moldável, plasticina, bem como os utensílios necessários, como por exemplo: moldes, rolo e diversos utensílios de corte. É uma área muito solicitada pelas crianças. Tem capacidade para estarem apenas 2 crianças.
- Na área do desenho, as crianças têm acesso a materiais de desenho, como por exemplo, marcadores, lápis de cor, cola, tesoura, folhas de papel, entre outros. Permite à criança fazer um desenho livre, através da utilização de diversos materiais. Nesta área podem estar 4 crianças ao mesmo tempo.
- A área da pintura, possui um cavalete, e as crianças têm oportunidade de dar aso à sua criatividade, esta área dispõe também de tintas, pincéis e folhas para pintura. Podem estar nesta área 2 crianças de cada vez.
- A área dos jogos, é um espaço pequeno reservado a jogos de mesa e puzzles. Apresenta um défice na oferta, sendo a maioria dos materiais didáticos apresentados, puzzles. As crianças mostram bastante interesse por esta área. Podem estar nesta área 4 crianças de cada vez.
- A área da biblioteca, apresenta-se como um espaço com boa luz natural, com dois sofás de plástico, uma mesa e uma estante que serve de apoio à arrumação de livros. Esta estante é do género um mostruário e possui alguns livros de histórias direcionados a crianças desta faixa etária, exibindo no entanto algum défice na variedade e no número de livros disponíveis. Nesta área podem estar apenas 2 crianças ao mesmo tempo.
- A área do quadro, permite às crianças terem acesso a um quadro de ardósia e a giz de diversas cores. Podem estar no quadro 2 crianças de cada vez.
- A sala possui também a zona de higiene, que está integrada na sala, possui os equipamentos necessários a uma zona de higiene.

1.4. Caracterização do grupo e dinâmicas implementadas

O grupo é constituído por quinze crianças, sendo que 9 são do sexo masculino e 6 do sexo feminino, todas estão inseridas na faixa etária dos 3 anos de idade. Quatro crianças frequentam pela 1ª vez uma instituição escolar, tendo sido a adaptação mais difícil. O restante grupo, já se conhecia da creche, tendo feito uma rápida e fácil integração ao novo ambiente escolar. Embora se considere um grupo homogêneo em termos etários, as crianças apresentam necessidades, ritmos e experiências muito diversificadas.

As crianças são muito afetuosas com o adulto, e em termos comportamentais, progressivamente o grupo revela-se mais responsável pelo cumprimento das regras estabelecidas em grande grupo, ainda que alguns elementos tenham dificuldade em cumpri-las, como: esperar pela sua vez para falar, fazê-lo em tom de voz mais baixo, manter-se sentado e atento por um período de tempo, partilhar brinquedos e materiais. Nesse sentido tornou-se essencial dar uma maior atenção a esses aspetos, uma vez que esta faixa etária é caracterizada pelo egocentrismo, fazendo-se notar através da partilha de brinquedos, no desrespeito pelas regras, entre outros.

No entanto é um grupo muito participativo, que adere facilmente a todas as atividades que lhes são propostas, sempre com entusiasmo e motivação. Como todas as crianças, este grupo tem as suas dificuldades, e como é de esperar não conseguem estar muito tempo paradas no mesmo lugar, daí a necessidade de tornar as atividades mais desafiadoras e diversificadas.

É um grupo muito consciente das suas rotinas, e apesar da dificuldade em cumprir, estão também conscientes das regras da sala, que fazem questão de relembrar aquando de alguma situação de desrespeito das mesmas.

Numa segunda fase desta caracterização será mencionado o desenvolvimento das crianças nas diferentes áreas e domínios do currículo destinado ao ensino do pré-escolar. Nesse sentido foi importante trabalhar com muito empenho e afinco a Área da Formação Pessoal e Social, sobretudo relativamente aos valores sociais e morais, dado a sua importância e relevância para o relacionamento das crianças, tanto a nível social como a nível comportamental.

A Área da Formação Pessoal e Social é vista segundo as OCEPE (1997), como integradora do processo educativo na medida em que é através desta que se realizam interações sociais com adultos significativos, bem como os seus pares e em grupo e desta forma a criança vai construindo o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem. Esta área integra todas as outras no sentido em que é através desta que a criança se relaciona consigo mesma, com os outros e com o mundo, num processo de desenvolvimento de atitudes e valores, apresentando-se transversal à área de expressão e comunicação nos seus diferentes domínios e a área do conhecimento do mundo. É nos contextos sociais em que vive, nas relações com os outros, que a criança vai construindo interiormente modelos que lhe permitam compreender o certo e o errado, o que pode e não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros. A conexão estabelecida entre o educador e as crianças é importante na forma como as valoriza e respeita, encoraja e estimula os seus progressos, o que contribui para a autoestima de cada criança nomeadamente surge como um apoio ao processo de crescimento, levando a criança a ser mais sociável, independente e autónoma.

Segundo Spodek (2002) a sociabilidade da criança desenvolve-se por volta dos 2 anos e permanece estável daí em diante. Bronson (1978) também citado por Spodek (2002), concluiu que as medidas de sociabilidade aos 2 anos se correlacionavam com a sociabilidade aos 3 anos e meio.

A Área de Expressão e Comunicação abrange vários tipos de aprendizagens, desde o desenvolvimento psicomotor ao desenvolvimento simbólico. Esta área organiza-se em vários domínios, todos eles interligados e relacionados, segundo as OCEPE (1997), as diferentes áreas de conteúdo devem ser vistas de forma articulada, visto que a construção do saber se processa de forma integrada, e que há inter-relações entre os diferentes conteúdos. Nesta área destacam-se os domínios da linguagem oral e abordagem à escrita, o domínio da matemática, expressão plástica, expressão motora, expressão musical e expressão dramática.

No domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita, as crianças segundo Piaget (1954); Smith (1975); Wells (1986), citado por Spodek (2002), ao mesmo tempo que se tornam seres que falam tornam-se também seres que produzem significado, dando

sentido ao que as rodeia. Este grupo é bastante comunicativo, embora algumas crianças apresentem dificuldades em se expressar corretamente, no entanto destaca-se uma criança que possui um vocabulário bastante rico e variado para a sua idade, e duas crianças que demonstram dificuldades a nível de dicção.

No domínio da matemática, as crianças mostravam-se sempre muito recetivas a todas as atividades, algumas crianças mostravam dificuldades na contagem e na aprendizagem dos numerais, na realização de padrões. Nesse sentido e para dar solução a essas dificuldades foram realizadas atividades de contagem, através de uma lagarta gigante, e um puzzle que trabalhava os numerais e a contagem. Na lagarta gigante, foi feito um exercício em grande grupo, e posteriormente a cada criança completou a sua lagarta colocando as imagens no local correto. Importa referir que algumas fichas estavam mais completas do que outras, atendendo aos diferentes níveis em que se encontravam as crianças. O puzzle foi construído com o intuito de promover a contagem e o reconhecimento dos numerais, notou-se um grande envolvimento das crianças, tanto na altura desta atividade como posteriormente, foi um jogo sempre muito escolhido por elas para utilizarem na área dos jogos. Foi também realizado o “Jogo da Memória”, que promovia a correspondência entre duas figuras iguais, bem como o reconhecimento das personagens. Este jogo foi muito bem aceite pelas crianças pelo facto de ser diferente do que estavam habituadas.



Ilustração 4 – Lagartinha e Puzzle



Ilustração 5 - Jogo da Memória

Foram também realizadas atividades com padrões, pois apesar de ser uma temática apelativa, as crianças revelavam muitas dificuldades, nesse sentido realizamos uma série de atividades, como por exemplo, “os passarinhos”, e com os animais de “O cuquedo”.



Ilustração 6- Padrões

No domínio da expressão plástica, era onde as crianças se mostravam mais motivadas, tudo que englobasse desenho, pinturas, recorte e colagem era do agrado delas. A nível do recorte inicialmente poucas crianças conseguiam pegar na tesoura corretamente, mas ao longo das atividades que iam envolvendo expressão plástica, uma das preocupações era que tivesse algum trabalho de destreza, e o que é facto é que apenas duas crianças no final deste estágio ainda sentem dificuldades. Foram realizadas atividades de recorte, no entanto foi delineada uma linha em volta do que era pretendido recortar. Uma das atividades foi o recorte de folhas para a árvore da partilha, que pintaram a pares, e que de seguida recortaram.



Ilustração 7 - Recorte da folha

As atividades realizadas no sentido de promover a colagem, foi o preenchimento de borboletas com pedacinhos de diferentes papéis que eles recortaram anteriormente, o

preenchimento com papel crepe do “bolo rei”, o preenchimento dos pássaros com papel de revista através da colagem. A nível de pintura e desenho notou-se uma grande evolução, é uma área muito solicitada pelas crianças, no entanto foram realizadas atividades de pintura com algum pormenor para aumentar o grau de dificuldade, como por exemplo a pintura do “bolo de amoras” da mosca fosca, o Elmer e as máscaras para uma dramatização.



Ilustração 8 - Atividades de Colagem



Ilustração 9 - Atividades de Pintura com pincel

No desenho é onde se nota uma grande evolução, pois as crianças já conseguem desenhar uma figura humana bastante completa. No entanto ao longo da prática foram realizadas várias atividades nesse sentido, como no dia do pai e no dia da mãe, de forma a aperfeiçoar e a enriquecerem os seus desenhos com pormenores como o pescoço e os dedos.



Ilustração 10 - Desenho da figura humana

No domínio da expressão motora, as crianças mostravam-se muito recetivas, era a primeira vez que estavam a ter contacto com a mesma, mas isso só foi uma vantagem pois ficaram a gostar muito. Estavam sempre motivadas para as atividades que eram propostas, e muitas vezes até pediam para as repetir, outras vezes davam elas ideias de atividades para por em prática. Este grupo tinha alguma dificuldade em respeitar as regras, e em termos motores, uma das crianças não conseguia correr corretamente, outras crianças tinham medo de saltar de um banco, entre outras habilidades. Nesse sentido, ao longo das sessões procuramos trabalhar esse tipo de habilidades para dar resposta às dificuldades inerentes neste grupo. Na ilustração 11 podemos ver algumas situações de jogos de corrida em grupo, circuitos em pares, e nomeadamente um circuito onde as crianças teriam que respeitar os sinais de trânsito inerentes, daí pudemos verificar que se mostraram muito empenhadas em respeitar as regras.



Ilustração 11 - Jogos de expressão motora

No domínio da expressão musical, as crianças adoram aprender novas canções, e estarem a realizar atividades com música de fundo, a nível de concentração funciona muito bem, e em momentos de mais agitação também. Tivemos também o cuidado de em algumas situações mais agitadas utilizar a música como instrumento de retorno à calma.

No domínio da expressão dramática, era onde se sentia mais dificuldades, a maior parte das crianças eram muito tímidas e tornava-se difícil para elas em algumas situações propostas, representarem uma situação do quotidiano, no entanto outras crianças sentiam-se perfeitamente à vontade, e faziam questão de se evidenciar perante as outras. Nesse sentido foi essencial criar situações de dramatização de histórias para que elas se libertassem dada a importância deste esmo domínio interligado com os restantes.



Ilustração 12 - Dramatização da História "Coelhinho Branco"



Ilustração 13 - Dramatização da história "Caracol e lagarta"

A Área do Conhecimento do Mundo, apoia-se na curiosidade e no desejo de saber que as crianças mais sobre o “mundo” que as rodeia. É no pré-escolar que a criança inicia a sua construção de ideias sobre o mundo, pois tem a oportunidade de contactar com diversas situações que a permitem explorar e descobrir mais sobre algo que desconhecem ou que conhecem pouco. É uma área de muito interesse para as crianças, pois podem através dela constatar factos e ter contacto com novas experiências. Foram proporcionadas várias experiências que enriqueceram este grupo de crianças, superaram medos e experimentaram sensações que até então nunca tinha sentido, como por exemplo o contacto com animais, experiências com o ar, a água, com espelhos, ímanes, e confeção de bolos e biscoitos.



Ilustração 14 - Contacto com animais



Ilustração 15 - Experiências realizadas

Todas as áreas e domínios devem estar interligados para que haja um desenvolvimento das crianças, nomeadamente na aquisição de aprendizagens e competências a todos os níveis. Torna-se importante referir, que da nossa parte houve sempre a preocupação de manter a transversalidade de todas as áreas e domínios, e ao mesmo tempo proporcionar a este grupo de crianças experiência de que eles nunca se vão esquecer.

PARTE II – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

1. Enquadramento do Estudo

Nesta segunda parte do relatório, e primeira secção do projeto de investigação, é apresentada uma contextualização do estudo evidenciando a sua pertinência, as questões e os objetivos propostos, a organização de todo o trabalho, e posteriormente a fundamentação teórica de todo o estudo de investigação.

1.1. Contextualização do Estudo

A Educação Pré-Escolar é uma etapa fundamental para a criança, aí inicia as suas interações e socialização com outras crianças e participa em situações de aprendizagem e construção informal de conhecimentos. As orientações curriculares para o pré-escolar, possuem áreas de conteúdo que pretendem organizar essas aprendizagens e também mostrar a intervenção do educador no sentido de proporcionar às crianças novos conhecimentos e experiências. As áreas de conteúdo delimitadas pelas OCEPE passam pela área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação que abarca os domínios das expressões (motora, plástica, musical e dramática), domínio da linguagem e abordagem à escrita e o domínio da matemática, e por fim a área do conhecimento do mundo. Para o meu estudo debruicei-me um pouco mais sobre área da formação pessoal e social, que é uma área que permite uma disposição mais direcionada para a formação do eu, de si próprio, construindo valores sociais indispensáveis à convivência do ser humano, e que, por sua vez, é transversal a todas as outras. Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 1997),

todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários (...) e deve favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre. (p.51)

A Formação Pessoal e Social deve ainda possibilitar a interação com diferentes valores, e, nessa perspectiva, a educação pré-escolar constitui um veículo favorável para que a criança aprenda a tomar consciência de si própria e do outro.

As metas de aprendizagem reforçam também a importância da educação para os valores, no sentido em que é importante sensibilizar as crianças para os mesmos, remetendo para o domínio da cooperação, no sentido de desenvolver atitudes e comportamentos a revelar no final do pré-escolar. Por exemplo, demonstrar ajuda para com os colegas; na partilha de brinquedos; no respeitar pela vez de falar, ouvindo as intervenções dos outros; identificar comportamentos e atitudes menos boas, entre outras situações que devem ser trabalhadas com as crianças para que se criem hábitos comportamentais mais corretos no seu dia-a-dia. Importa ainda salientar que o domínio do convívio e da cidadania permite que a criança respeite as regras de coexistência em grupo, bem como o cumprimento das mesmas, deste modo a criança “manifesta ainda respeito pelas necessidades, sentimentos, opiniões e valores dos outros esperando que respeitem os seus” (Metas de Aprendizagem, 2012).

As crianças aos 3 anos de idade possuem alguma dificuldade em demonstrar determinadas atitudes referenciadas anteriormente, pois para além desta faixa etária se caracterizar pelo egocentrismo, está inerente à dificuldade que sentem em valorizar e respeitar comportamentos e atitudes de outras crianças. Posto isto, é fulcral intervir para que as crianças aprendam a valorizar outras opiniões e ideias, demonstrando que essas atitudes e comportamentos são importantes na relação delas com os outros, e salientar que “é na inter-relação, que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros” (M E., 1997, p.52).

A educação tem um papel relevante na transmissão de valores no contexto de jardim-de-infância, é através da relação que o educador estabelece com as crianças que vai facilitar a progressão das mesmas em diversas áreas da sua formação, nomeadamente através da forma como este valoriza e respeita as suas opiniões e ideias, e como estimula e encoraja a sua progressão. Desta forma podemos afirmar que “são os valores subjacentes à prática do educador e o modo como este os concretiza no quotidiano do jardim-de-infância, que permitem que a educação pré-escolar seja um contexto social e relacional facilitador da educação para os valores” (M E., 1997, p.52).

Dada a importância da aquisição de valores na educação das crianças, e tendo em conta o grupo de crianças onde a prática foi concretizada, esta temática emergiu de uma

forma muito natural. Ao longo das sessões no JI, foi possível verificar que a maioria das crianças sentia dificuldade em partilhar brinquedos, em fazer atividades a pares e em grupo, estas observações estimularam-nos a atuar de modo a tentar modificar esses comportamentos. No entanto, explicar o que são valores a crianças desta faixa etária, passa por pô-las a vivenciá-los e a percebê-los de modo muito simples, claro e objetivo, é necessário demonstrar com atividades práticas, e nesse sentido é importante que se criem ambientes adequados, que para além de fomentarem atitudes mais apropriadas, favorecem a inserção da criança na sociedade.

Contudo, sensibilizar as crianças para valores sociais é algo que se mostra bastante complexo. Nesse sentido pareceu-me adequado consciencializá-las para os mesmos de uma forma subtil e envolvente, através de atividades enriquecedores e estimulantes, desde logo tendo como ponto de partida as histórias para a infância, e a partir destas tornar possível identificar atitudes e comportamentos e também descobrir o valor subentendido nas mesmas.

Face a isto, durante a intervenção na prática de ensino supervisionada surgiu a seguinte questão, *“Podem as histórias infantis constituir uma estratégia adequada para inculcar valores sociais na educação pré-escolar?”*, para dar resposta a esta questão foram considerados os seguintes objetivos: perceber a receptividade das crianças para a compreensão das histórias infantis; aferir se as crianças conseguem identificar o valor social implícito em cada história; verificar se as histórias infantis contribuem para a formação de valores nas crianças em idade pré-escolar.

2. Fundamentação Teórica do Estudo

Nesta segunda secção do projeto de investigação são apresentadas as temáticas do estudo, devidamente fundamentadas e explicitadas.

2.1. A literatura infantil – Uma breve contextualização

A literatura para crianças começou a desenvolver-se a partir da segunda metade do século XIX, e só foi possível esta progressão devido à mudança de atitude da sociedade face à infância. Durante muito tempo, em todos os campos da educação como também na literatura, as capacidades e peculiaridades das crianças não eram tidas em conta. Após a ocorrência de algumas transformações sociais, que vincularam as diferenças existentes entre adulto e criança, houve necessidade de fazer uma distinção. Até então a sociedade, segundo Pires (1983), “tinha oprimido as crianças, e quando deixaram de o fazer, estas deixaram de ser consideradas adultos em miniatura com os mesmos gostos e interesses dos mais velhos” (p.91). Deste modo foi essencial que a literatura infantil adquirisse uma dimensão própria, estimulando a imaginação, o desenvolvimento do sentido de humor, e o alargamento da compreensão de outras culturas. A criança começou a ser considerada um ser com gostos e interesses próprios, deixando de ser equiparada a um adulto. Deste modo, surgiram mudanças entre os livros para crianças e os livros destinados a adultos e foi notória uma ênfase nos livros para rapazes com o predomínio de aventuras, e nos livros para raparigas onde sobressaía a fantasia e o romantismo. O livro foi também reconhecido como um veículo de divulgação do saber, tendo como objetivo primordial o combate ao analfabetismo nas crianças, à promoção da leitura e, conseqüentemente, ao aumento do número de leitores.

Nesse sentido foi essencial que a literatura dirigida ao público infantil desse ênfase a temáticas relacionadas com o conhecimento do mundo, com aspetos científicos, mas principalmente que envolvesse a criança de tal forma que lhe permitisse dar espaço à sua imaginação, culminando deste modo valores educativos e mantendo sempre por base

uma função instrutiva, tal como reforça Pires, “essa educação deve satisfazer os anseios e tocar as emoções dos indivíduos e nunca excluir o desenvolvimento da sua imaginação” (Pires, 2000, p. 315).

Após inúmeras concepções ao redor da literatura infantil, conclui-se que a mesma, “alarga a percepção do mundo, educa a sensibilidade, abre portas ao imaginário (...) enriquece o nosso diálogo com os outros, estimula a fantasia e aumenta os poderes de captação do mundo exterior” (Traça, 1992)

2.2. A importância da leitura nos primeiros anos para o desenvolvimento da criança

A literatura tem vindo a destacar-se na sociedade, o que permitiu que se repensasse sobre a importância da leitura juntos dos mais novos, visto que esta ocupa um lugar cada vez mais notório na vida da criança. É na entrada para o Jardim de Infância que se inicia o processo de conquista de todo o desenvolvimento literário, o que segundo Alcoforado (2003) se torna essencial promover a emergência da leitura de modo a proporcionar às crianças um contacto direto com diferentes tipos de textos escritos. Mas é na faixa etária dos 3 / 4 anos “que as narrativas infantis se revelam de maior utilidade pedagógica, que a criança desenvolve a `competência narrativa´” (Albuquerque, 2000, p.15), e é através do contacto com narrativas que a criança compreende o mundo à sua volta, fazendo a distinção entre o que é real do que é ficcionado. Segundo as OCEPE, “o gosto e o interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar”, não tendo como objetivo na educação pré-escolar que a criança saiba ler, mas sim que contacte com histórias que possam alargar a sua imaginação e criatividade (1997, p.72).

Riscado (2002) reforça ainda que,

todos aqueles que têm um papel importante na formação das crianças se consciencializem de que a qualidade da literatura infantil é um elemento fulcral para a modelagem e construção de futuros adultos empenhados, questionadores, imaginativos, interventivos. (p.120)

Importa também salientar que a leitura tem um papel muito importante no desenvolvimento da comunicação e é extremamente necessário que este se inicie

precocemente, através de imagens, de leitura de histórias, para deste modo desenvolver capacidades de expressão oral. É na linguagem oral que mais se denota progressão, pois para a criança ser capaz de comunicar eficazmente, terá que dominar um conjunto de regras e usos de língua, “e o jardim-de-infância é um espaço privilegiado para proporcionar oportunidades às crianças de se expressarem individualmente (...) e deste modo desenvolverem as suas capacidades de expressão oral” (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008, p. 40).

Azevedo (2006) vê na criança uma exploradora nata da literacia, que aprende a ser e a relacionar-se com os outros por meio da linguagem, e refere que o texto literário com todo o seu rico caudal de possibilidades expressivas e comunicativas, constitui para ela um dos veículos privilegiados de acesso ao mundo que a rodeia. Nesse sentido é também importante que se crie um ambiente estimulante a nível linguístico, proporcionando à criança vivências e experiências desafiantes, que a coloquem numa posição favorável de se desenvolver cognitivamente, linguística e emocionalmente.

Pensar na relação das crianças com os livros é pensar no futuro e pensar no futuro é assumir a responsabilidade de construir um mundo com menos diferenças (Filho, 2009). Este autor sustenta a ideia de que os livros infantis podem ajudar a criança a alargar os seus gostos para a literatura e para a arte, de forma a transformá-las em leitores ativos, e assim torná-los mais aptos para a vida em sociedade. Bastos (1999) reforça ainda que os livros infantis permitem à criança o enriquecimento da sua formação intelectual, da sensibilidade, da reflexão e da estruturação da imaginação.

Vários investigadores têm salientado o papel da literatura infantil no desenvolvimento da criança possibilitando que de alguma forma esta aprenda a lidar com o mundo, com realidades diferenciadas, admitindo, ao mesmo tempo, ser um suporte na construção da sua identidade e, desse modo, promover o desenvolvimento social. A literatura infantil permite a autocompreensão, o estabelecimento de relações interpessoais, a integração no meio social e a consciencialização de si e da realidade, para além de fomentar o desenvolvimento das competências sociocognitivas (Rodrigues & Oliveira, 2009).

2.3. A Arte de Contar Histórias: a Hora do Conto

2.3.1. O espaço das histórias no Jardim de Infância

Desde sempre que a literatura infantil esteve associada à tradição, dada a sua forte componente popular, embora não estando especificamente destinada à criança, esta partilhava esses momentos com o adulto, “as histórias são principalmente ouvidas, em contexto familiar e pedagógico, e o acto de contar e ouvir histórias é rodeado de afetividade e de liberdade” (Ramos, 2007, p. 167).

A leitura oral desempenha um papel socializador, enquanto fator pedagógico de comunicação de saber. A nível linguístico manifestando-se através de “jogos de palavras, certas rimas que constituem uma verdadeira iniciação à utilização lúdica da língua” (Bastos, 1999, p. 61).

Não é de todo suficiente que o educador leia para a criança, importa também que tenha a sensibilidade de ler com a criança, utilizando expressões e vocabulário cativante, “o modo como o educador lê para as crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler”(M. E. , 1997, p.70).

Ouvir histórias é muito importante na vida da criança, pois faz com que desperte o interesse pelas mesmas e se envolva de tal forma que dê asas à sua imaginação, pois possui uma capacidade imensa de se “transportar” para a ação da narrativa e deste modo “convida a criança a sonhar interagindo com a história, apoderando-se de momentos de conceitos diversificados através de uma forma lúdica, que a conduz ao prazer da leitura” (Azevedo, 2006,p.52).

É nos jardins-de-infância que normalmente as crianças iniciam a rotina a que habitualmente denominam de “Hora do Conto”, onde existe uma partilha de emoções e de conhecimentos, e onde a criança se dirige ao denominado “cantinho das histórias” para “saborear” cada narrativa. Este espaço é considerado mágico, as crianças sentam-se em almofadas ou no chão e organizam-se em semicírculo à volta da educadora.

O papel de contador de histórias tem um destaque primordial na nossa sociedade, no sentido em que transmite memórias e valores da comunidade, e porque é “ um animador de narrativas e momentos mágicos” (Bastos, 1999, p. 61).

Se na origem da criação estiver apenas o prazer puro de contar uma história, ou de participar na maravilhosa aventura que é mergulhar na vida (na realidade ou no sonho)

com a reencontrada pureza e a adesão radiosa da infância – então o livro para crianças terá o som inconfundível da arte verdadeira, e poderá, com rigor, enquadrar-se no panorama da grande literatura (Lemos, 1972).

Ao mesmo tempo que um contador de histórias encanta os ouvintes com a sua voz mágica, transmitem valores culturais, nesse sentido desempenha um papel duplo, “entreter e instruir, ou melhor, divertir sempre instruindo, já que o princípio da transmissão de conhecimentos, interligada ao prazer da efabulação, vai manter-se a partir de então um dos princípios fundamentais de uma boa pedagogia” (Albuquerque, 2000, p. 13).

Para a criança, que se caracteriza como ouvinte atento e crítico, não basta apenas narrar uma história de forma simples, pois tornar-se-ia um momento monótono, é necessário “dar mais vida a uma narração que se pretende intimamente experimentada pela criança/ouvinte, facilitando então as suas finalidades pedagógicas” (Albuquerque, 2000, p. 31), ler com uma voz expressiva e entoada, utilizar materiais lúdicos e diversificados, como tapetes de histórias, fantoches, mantas pedagógicas permitem não só ao educador transmitir conteúdos de forma mais simplificada, mas também à criança disfrutar de outro tipo de interações, que a fazem voar pelo mundo do imaginário.

Daí surge a importância de ser criado nos Jardins de Infância o espaço das histórias, um cantinho acolhedor, mágico, que permita às crianças entrar num mundo imaginário, um lugar onde elas se sintam felizes e realizadas e que seja um local para onde elas queiram frequentemente ir, que tenha materiais lúdicos e diversificados, e quem sabe sugerir às crianças que façam elas o reconto das histórias com esses mesmos materiais de apoio.

Esse momento mágico da hora do conto, leva as crianças mais pequenas de três e quatro anos, a escutar atentamente o adulto, e de “olhos pregados no educador, bebem com concentração cada palavra, e seguem as ondulações da história, não só com um olhar interessado, mas também cúmplice” (Albuquerque, 2000, p. 97), nessa altura, toda a atenção da criança está voltada para o livro, e não só escuta a narrativa, como também vemos os seus olhos “passear lentamente sobre as gravuras, num esforço declarado de abarcar e registar todos os pormenores” (Albuquerque, 2000, p. 97), no entanto as

crianças nesta faixa etária, não gostam de escutar a história apenas uma vez, e as exigências de repetição que fazem ao educador são reflexo do interesse que o conto lhes desperta.

2.4. A literatura infantil na construção de valores

2.4.1. Os animais como tema literário

Os animais são uma das temáticas mais apreciadas pelo público infantil, fazem parte do enredo de inúmeras histórias para crianças, enquanto protagonistas, os animais são capazes de determinar o comportamento humano e muitas das vezes comandam as próprias ações de enredo.

É uma temática que as motiva e isso poderá ser um bom ponto de partida para a abordagem de diversos assuntos, e nomeadamente a compreensão determinadas atitudes e comportamentos realizadas pelos animais, associando-os aos seus próprios comportamentos e atitudes. Importa ainda reforçar que as histórias onde os personagens são animais humanizados, "servem também para transmitir valores ou problematizar questões sociais" (Almeida, 2009,p.4). A figura do animal na literatura tem funcionado como que um espelho do ser humano, que ao longo dos tempos tem tentado representar as ansiedades humanas próprias de cada época. Ao longo do século XX, sobretudo a partir da segunda metade, a inscrição do animal na literatura assumiu novos contornos e complexidades que se refletem na narrativa atual (Neves, 2008, p.2).

Almeida (2009), afirma que os animais são o tema mais constante e universal da literatura para crianças e que fazem coisas que não estão ao alcance das personagens humanas, como por exemplo, eliminar estereótipos raciais e sociais e acolher com segurança as emoções infantis. Menciona ainda que, "o uso de personagens animais nos livros para crianças pode ter origem no conto popular, ou na suposição de que o leitor em desenvolvimento está de alguma forma mais próximo dos animais, ou de que estes estão mais próximos dele" (p.3).

As histórias de animais são ainda destacadas, como uma das vertentes mais produtivas da literatura de fantasia para a infância, as personagens encarnam simultaneamente características humanas e qualidades próprias à sua condição de animal,

nomeadamente, histórias de animais falantes que suscitam uma forte adesão dos leitores mais novos” (Bastos,1999, p.124). Nas narrativas de animais, a interação dos animais surge como uma temática recorrente, onde assume formas diversificadas, como a questão do preconceito, amizade e solidariedade, e a descoberta do mundo.

Nas histórias destinadas a crianças até aos três anos, os animais são figuras simples, coloridas e imediatamente reconhecíveis, utilizam-se para identificar aspetos da realidade e explicar conceitos mais ou menos abstratos. No entanto, Almeida(2009) esclarece ainda que,

dos três até aos seis anos, com o desenvolvimento da personalidade e da linguagem, as crianças revelam um interesse crescente por histórias com enredos, bem como por emoções e situações que lhes são familiares, vendo nos animais modelos de projecção que lhes proporcionam respostas seguras num mundo feito por adultos (p.4).

É de salientar que, em muitas situações as crianças sentem necessidade de representar comportamentos, que estão evidenciados nas histórias, como forma de explicar o que está certo e errado. As crianças por vezes vêm nos animais, características que identificam em si próprias, tendo assim um gosto especial por alguns deles, entusiasmando-se por fazer mais aprendizagens sobre os mesmos.

Os animais provocam um grande interesse nas crianças e não é por acaso que muitas histórias infantis são fábulas. Através das histórias, “os animais assumem diversas características humanas, projetando-se neles muito daquilo que somos ou que gostaríamos de ser” (Godinho e Brito, 2010, p.107). Deste modo, faz todo o sentido que nas histórias infantis haja a criação de um mundo imaginário onde os animais falam, cometem erros, são inteligentes, bons, maus, enfim, onde revelam as características do ser humano na sua multiplicidade. O animal fala e age como o homem como se a sua alma se transferisse de um para o outro, daí as semelhanças que as personagens animais têm com o ser humano, e com o seu comportamento.

Esta temática dos animais pode ser um excelente meio de aquisição de saberes em diversas áreas, como a literacia, a música, a matemática, no sentido em que é considerado um assunto que desperta curiosidade e entusiasmo nas crianças.

2.5. A Educação para os Valores

2.5.1. Conceito de valor

A educação para os valores deve ser iniciada precocemente, no sentido em que estes regem as nossas relações pessoais e nos acompanham ao longo da vida. A sociedade necessita de normas e regras que promovam boas relações sociais que por sinal remetem para uma boa conduta humana. Neste sentido podemos verificar que “os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a tomada de decisões para que não sucedam incongruências entre atitudes e ações que possam pôr em risco a saúde mental” (Marques, 2002, p. 15).

A sociedade necessita de normas e regras que conduzam a um bom comportamento humano e sobretudo na criação de boas relações sociais. Para tal, cada sociedade e cultura tem uma moral que deve ser seguida e respeitada, onde se encontram subentendidos os valores que são socialmente aceites. Vásquez (1998), define a moral como um,

“Sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal” (p.79).

Os valores são importantes referências para a ação, individual e social, pelo que devem ser abordados de forma a habilitar as crianças e os adultos, ao nível dos seus conhecimentos e das suas competências, no sentido de saberem agir em determinados contextos e situações. Nesse sentido, é importante referir que os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a toma de decisões para que não advenham incongruências (Marques, 2002, p.15). Posto isto, podemos afirmar que o valor tem um papel preponderante no comportamento humano, tanto a nível da sua conduta como das suas atitudes, e ocupa a parte central da personalidade do indivíduo. Marques (2002) reforça que “os valores são estimados e inferidos, através da inteligência, do sentimento e das emoções: estimar um valor é apreendê-lo”, no ponto de vista do autor apesar de necessitarmos da inteligência para a

aprendizagem do valor, é nas emoções e nos sentimentos que nós demonstramos a sua importância e a sua assimilação (p.16).

Para que haja a construção de uma personalidade assente em valores morais, e em boas condutas, é necessário que para além de se transmitirem ou construírem valores, estes sejam descobertos através da identificação de comportamentos e atitudes, e principalmente de exemplos e vivências. Se é verdade que os valores são complementares na vida humana e elementos estruturantes do saber humano, que determinam a comportamento, orientam a vida e vinculam a personalidade, também é um facto que não existe educação sem valores.

No entanto a nossa sociedade tem vindo a ser palco de variadas e constantes mudanças, a nível tecnológico, científico, e também a nível económico, social e político. Estas profundas mudanças conduziram a sociedade a diferentes formas de socialização e aceitação dos outros, tornando-se cada vez mais individualista (Magalhães, 2009, p.24).

2.6. A Escola na Educação para os Valores

A escola desempenha um papel primordial na transmissão de valores, embora esta educação não pertença única e exclusivamente às escolas, mas também na convivência com os outros e no próprio seio familiar, é no ambiente escolar que podemos estudar a forma como as crianças encaram as regras por exemplo, e perante isso encontrar formas de melhorar o seu comportamento. Deste modo a escola é vista como o melhor lugar para o ensino-aprendizagem dos valores, pois cumpre os requisitos essenciais para o desenvolvimento da criança, e porque constrói um trabalho sistemático e contínuo no domínio dessa formação. Apesar disso, importa salientar que a família tem um papel importante visto que é na convivência humana que são construídos os valores, no entanto, nem sempre os pais estão disponíveis para serem parceiros na educação, muitas vezes derivado à escolarização, apesar disso como é óbvio existem exceções.

No entanto, nem sempre a escola terá um papel preponderante na educação dos valores, uma vez que esta não se constrói sozinha, é necessária uma base, são necessários profissionais motivados e empenhados, o que muitas vezes não se torna possível devido à quantidade de funções que estes acumulam, e Marques (1998) refere isso mesmo “as

transformações na sociedade e na estrutura da família (...) obrigaram o poder político a exigir cada vez mais da escola e dos professores, atribuindo-lhes novas funções e fazendo exigências cada vez mais acrescidas. Contudo, a escola só por si, não é capaz de desempenhar funções sociais que lhe são exigidas”(p.13-14).

A escola detém no entanto, um papel fulcral nesta missão, ela deve assumir um novo papel, um papel dinamizador do bem-estar e da convivência saudável entre as crianças, devem ter o cuidado de dar o exemplo às crianças, e não apenas ensiná-las de como se devem comportar, até porque “o contacto com bons exemplos morais, a interação com pessoas moralmente educadas e o hábito, desempenham um papel não negligenciável no desenvolvimento do carácter” (Marques, 1998, p.47).

Esta educação para os valores deve iniciar-se precocemente, no sentido em que estes regem as nossas relações pessoais e nos acompanham ao longo da vida. Toda a sociedade necessita de normas e regras que proporcionem boas relações sociais que por sinal se reproduzem quando há uma boa conduta humana. Neste sentido podemos verificar que “os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a tomada de decisões para que não sucedam incongruências entre atitudes e ações que possam pôr em risco a saúde mental”(Marques, 2002, p. 15).

A regra é o primeiro contato que a criança tem com os valores, mas mais importante que impor regras e limites é desenvolver na criança a capacidade e a sensibilidade de conseguir reconhecer o outro, compreender as regras e saber viver em comunidade. Desde muito cedo que as crianças são submetidas a regras (rotinas) que para além de criarem hábitos diários permitem que elas entendam que a sociedade deve reger-se por regras e limites, para que todos possamos conviver tranquilamente uns com os outros.

Segundo um estudo que Piaget realizou, no sentido de perceber de que forma as crianças encaravam as regras de um jogo, após a sua observação sobre elas, concluiu que as crianças manifestam diferentes formas de jogar, consoante a evolução do seu desenvolvimento moral. As crianças dos 3 aos 7 anos, segundo Marques (1998), pelo facto de se encontrarem no estágio pré-operatório, “a forma como encaram as regras do

jogo rege-se pela imitação egocêntrica dos outros”(p.50). O que quer dizer que o egocentrismo caracterizado por esta faixa etária, principalmente nas crianças mais pequenas, não se considera que seja um defeito mas sim a dificuldade que elas têm na descentração, pois estas confundem o mundo com os seus interesses pessoais.

3. Metodologia Implementada

Nesta terceira secção pretende-se dar a conhecer a metodologia adotada e implementada durante o estudo. São apresentadas as opções metodológicas, tendo em conta os participantes, e são também expostos os instrumentos de recolha de dados utilizados. Para que haja uma melhor elucidação das tarefas realizadas, é apresentada uma tabela síntese onde as mesmas se encontram descritas, e contendo os respetivos objetivos e calendarização.

3.1. Opções Metodológicas

Este estudo assenta numa metodologia de natureza qualitativa, de matriz descritiva e interpretativa. É um estudo qualitativo, no sentido em que este se realiza num contexto natural, tentando perceber e interpretar determinados factos tendo em conta os significados atribuídos pelas pessoas, Bogdan & Biklen (1994) definem que neste tipo de investigação a “fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p.47), e nesse sentido “cabe ao investigador ser o principal veículo de recolha de dados”(Denzin & Lincoln ,2000).

Este tipo de investigação volta-se essencialmente para a compreensão, descrição e interpretação de fenómenos, remetendo para uma realidade subjetiva, pois concede várias interpretações da realidade, daí ser um estudo de carácter descritivo e interpretativo. Bogdan & Biklen (1994) referem que numa investigação descritiva “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens...incluem notas de campo, fotografias, vídeos”.

Para Bogdan & Biklen (1994), em estudos desta natureza, a amostra selecionada é de pequena dimensão e que a sua escolha assenta em critérios específicos, tendo como objetivo a obtenção de informação mais profunda do problema em estudo. Os mesmos autores referem ainda que,

a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que

nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (p.49).

Neste tipo de investigação, o papel da investigadora é fulcral, bem como o de estagiária, as duas se complementam, no sentido de realizar um estudo pertinente e concretizável. Os investigadores qualitativos estabelecem segundo Bogdan & Biklen (1994) “estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (p.51).

Enquanto estagiária, tive como funções, pesquisar, selecionar e projetar uma proposta pedagógica, que neste caso foi constituída por 6 tarefas, tendo como objetivos em todas elas, sensibilizar as crianças para os valores sociais em contexto educativo, daí ser importante também a função de investigadora, que me permitiu potencializar comportamentos mais adequados, e proporcionar às crianças atividades enriquecedoras e didáticas que as levem a adquirir valores sociais e atitudes mais favoráveis, nomeadamente através das histórias.

3.2. Participantes na Investigação

O estudo foi realizado num jardim-de-infância pertencente a um dos agrupamentos de escolas do concelho de Viana do Castelo, situado numa zona rural.

Os participantes do estudo são 14 crianças, na faixa etária dos 3 anos de idade, o grupo é constituído por 9 meninos, e 5 meninas. Relativamente à naturalidade dos mesmos, todos residem em freguesias do concelho de Viana do Castelo.

Quanto ao agregado familiar dos participantes, tornou-se pertinente uma breve análise dos mesmos, tendo em conta que alguns dos aspetos como o número de irmãos, poderiam ter alguma influência nos comportamentos e atitudes das crianças face a determinadas situações que envolveriam a partilha, a amizade, o respeito e a entreatajuda. Os agregados familiares, variam entre as 3 e as 7 pessoas, o número de irmãos varia entre os 0 e os 3 irmãos, sendo que algumas crianças vivem com os pais, com os irmãos ou com os avós e os tios.

3.3. Instrumentos de recolha de dados

Para a realização da recolha de dados, foram utilizados vários instrumentos, tais como, a observação direta ou participante, as notas de campo, os registos fotográficos e filmagens, e os registos gráficos. Deste modo, permitiu que o volume de informação recolhida fosse maior, possibilitando uma análise mais completa e objetiva.

Nesse sentido, seguidamente irão ser descritos individualmente cada um dos instrumentos utilizados no estudo.

3.3.1. Observação

Este instrumento de recolha de dados permite uma análise e reflexão de comportamentos e atitudes das crianças, nomeadamente em situações que promovem a relação com os colegas do grupo, para desta forma haver uma comparação dos mesmos antes e depois da intervenção educativa. O facto de ser uma observação participante permite estabelecer relações com os intervenientes para que se possam aferir os comportamentos e as atitudes das crianças pormenorizadamente. Este instrumento em termos de atitude é de observação participante, porque “ de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado” (Estrela, A.,1994, p.31), e neste estudo é essencial o envolvimento do investigador. Independentemente de outras técnicas que vá utilizar, “ o observador participante deverá desempenhar um papel bem definido na organização social que observa” (Estrela, A.,1994, p.32).

A observação implica um olhar atento e perceptível, na medida em que não pretende em todos os casos avaliar, mas sim olhar com intencionalidade, “observar consiste num processo voluntário e inteligível, orientado para um objetivo específico ou dirigido a um objeto, para dele recolher informação” (De Ketele,1980, p.27).

3.3.2. Notas de campo

Este instrumento permite registar tudo aquilo que for importante, nomeadamente reações e frases ditas pelas crianças, no sentido de enriquecer o estudo. Numa investigação deste carácter, onde se pretende analisar os comportamentos e atitudes dos participantes, é fundamental recolher o maior número de reações e atitudes dos

mesmos, “ a parte descritiva das notas de campo, de longe a mais extensa, representa o melhor esforço do investigador para registar objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.152,163).

3.3.3. Filmagens e Registos Fotográficos

Para a utilização destes instrumentos foi necessário o envio de um pedido de autorização aos pais, que foi realizado no 1º semestre, na prática de ensino supervisionada I.

As filmagens permitem contemplar comportamentos e atitudes, que no momento pode não ser possível captar, e assim deste modo ficam registadas, bem como algumas reações das crianças, os seus comentários a diversas situações ou mesmo pormenores que permitam uma análise mais detalhada.

Os registos fotográficos, são essenciais para que neles fiquem contemplados momentos das intervenções, como trabalhos realizados pelas crianças, e o envolvimento das mesmas nas atividades propostas. Segundo Bogdan & Biklen (1990) “as fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas intuitivamente” (p.183).

3.3.4. Registos Gráficos

Os registos gráficos são de um grande peso, pois as ideias das crianças e os seus registos individuais, a pares ou em grupo ditam alguns dos efeitos das intervenções educativas. Nesse sentido, foi importante que ao longo do estudo se recorresse a este tipo de instrumento.

3.4. Intervenção Educativa

É essencial que um estudo seja planeado com exatidão, e que vise proporcionar atividades que posteriormente permitam dar resposta à questão de investigação. Nesse sentido, foi criando um plano de atividades apelativas e diversificadas, e que deste modo fossem ao encontro da temática do estudo, tendo sempre em atenção a articulação com todas as áreas e domínios.

Os valores sociais são uma temática que, para ser abordada no pré-escolar e principalmente num grupo de crianças com 3 anos, requer sensibilidade e alguma persistência. As crianças nesta faixa etária têm dificuldade em se descentrar de si próprias e nesse sentido é essencial que se aborde este tipo de assunto. Valores como a amizade, a partilha, a entreatuda e o respeito, devem fazer parte do quotidiano das crianças e dos adultos, e nada melhor que lhes proporcionar vivências nesse sentido, em vez de apenas lhes ensinar o quão importante é saber conviver em harmonia com os que nos rodeiam. É importante que se invista nestas temáticas, que fazem parte integral do crescimento das crianças e para isso importa que certas atitudes e comportamentos sejam contornados e corrigidos, para formarmos crianças mais íntegras.

Não obstante, criar situações que promovam a aprendizagem de valores, não é de todo uma tarefa fácil, e por esse motivo, envolver as crianças em histórias que lhes podem transmitir valores, é uma estratégia que se torna adequada, na medida em que é importante que as crianças presenciem atitudes, para que possam refletir sobre as mesmas. Nesse sentido, foram realizadas seis tarefas, a primeira tarefa teve como finalidade uma avaliação diagnóstica, no sentido de captar comportamentos e atitudes relacionadas com a temática. Nas quatro tarefas seguintes, foram implementadas atividades que se relacionavam com as quatro histórias escolhidas para este estudo, trabalharam-se os valores da partilha, da amizade, da entreatuda e do respeito, e pretendeu-se também que os soubessem identificar e praticar. A última tarefa foi a construção da manta dos valores e a montagem do puzzle dos valores, que permitiu uma concentração de todos os valores trabalhados, nomeadamente através do desenho de todas as crianças, e posteriormente o puzzle que permitiu uma análise mais aprofundada, na medida em que foi possível verificar se as crianças adquiriram os valores abordados no estudo.

Importa referir que durante todo o estudo houve uma preocupação em manter uma articulação de áreas e conteúdos, não descurando as aprendizagens das crianças, até porque os valores sociais estão presentes em todas as atividades que realizamos.

De seguida, é apresentada uma tabela síntese de todas as atividades realizadas, bem como os objetivos detalhados e a calendarização das mesmas.

<p>-Sub-tarefa 1: Jardim do Respeito (Caixinha dos valores)</p> <p>- Sub-tarefa 2: Dramatização de uma situação concreta Circuito Sinais de Trânsito</p> <p>-Sub-tarefa 3: Circuito Sinais de Trânsito</p>	<p>respeito</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostrar situações de respeito e aquando das mesmas saber respeitá-las - Identificar situações de respeito e não respeito 	
<p>Tarefa 6: Manta dos Valores e Puzzle dos Valores</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sub-tarefa 1: Escolha do valor - Sub-tarefa 2: Desenho sobre o valor escolhido - Sub-tarefa 3: Montagem do Puzzle dos valores 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber o que é o valor da partilha, da entreajuda, da amizade e do respeito - Mostrar através do desenho, o valor escolhido e saber pronunciar-se sobre o seu significado - Identificar cada valor - Promover a associação de acontecimentos retratados nas imagens, ao seu respetivo valor 	<p>Semana de 8 e 9 de Junho de 2015</p>

Apresentação e Caracterização das atividades realizadas

Nesta subsecção são apresentadas e descritas todas as atividades inerentes ao estudo, realizadas com o grupo. São ainda explicitados os objetivos de cada tarefa, os objetivos propostos e também as sinopses das histórias utilizadas na investigação.

Tarefa 1: Atividade de Diagnóstico

Objetivos Específicos:

- Promover comportamentos e atitudes que envolvam partilha, respeito, cooperação e amizade
- Verificar diferentes tipos de comportamentos e atitudes

Atividade:

Esta atividade consistiu em colocar as crianças em pares, fornecendo-lhes apenas um desenho para que o colorissem.

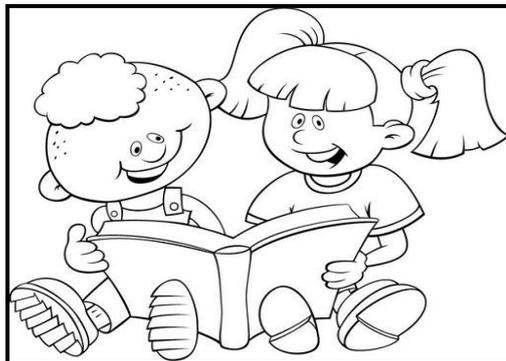


Ilustração 16 - Desenho que coloriram a pares

Tarefa 2: Valor da Partilha**Objetivos:**

- Sensibilizar para o valor da partilha
- Perceber a importância de partilhar
- Saber partilhar



Ilustração 17- Capa da história: "Caracol e Lagarta"

História: "Caracol e lagarta" de Armando Quintero.

Sinopse:

Esta história demonstra o valor da partilha inicialmente inexistente entre dois animais, o caracol e a lagarta, que se encontram a comer a mesma folha de alface sem sequer se darem conta, quando se apercebem da situação ficam zangados e defendem a folha como sendo de um e de outro, não querendo partilhá-la. Quando aparece uma pomba e come a restante folha os dois animais apercebem-se da importância de partilhar e decidem procurar outra folha para os dois. É uma história onde se reconhece claramente o valor da partilha e que apela à sua importância, é também explícito o valor da amizade.

Atividades:

a) *Leitura e dramatização da história: “Caracol e Lagarta”*

A história “Caracol e Lagarta”, foi apresentada às crianças através do livro. Inicialmente foi-lhes mostrada a capa para que identificassem os elementos presentes e para que tentassem adivinhar como se chamava a história. Esta foi narrada com expressividade e entoação de forma a cativar as crianças, e a suscitar nelas curiosidade e entusiasmo. De seguida foram colocadas questões de interpretação literal, de compreensão inferencial e literal, e estimuladores de leitura crítica para uma melhor compreensão da história, e para perceber se as crianças tinham chegado ao valor nela implícito.

b) *Sub-tarefa 1: Pintura das folhas a pares, desafio da caixinha dos valores*

Esta atividade teve como finalidade a partilha de uma folha, tal como se sucedeu com os animais da história. Era pedido às crianças que em pares pintassem a mesma folha que posteriormente seria colocada na árvore da partilha que se encontrava incompleta. Deste modo foram criados pares aleatórios, disponibilizada uma folha para cada par e lápis de cor verde. Após a pintura cada par respondeu às seguintes questões: “O que é partilhar? O que costumam partilhar?”.



Ilustração 18- Caixinha dos Valores



Ilustração 19- Árvore da Partilha



Ilustração 20 - Folha para pintar a pares

c) Sub-tarefa 2: Construção da árvore da partilha

Nesta fase, foi colocado em grande grupo o cartaz da árvore da partilha, e cada par veio colocar a sua folha num dos galhos. Após colocarem a folha, as crianças teriam que dizer o que significava para elas partilhar e o que costumavam partilhar. Esta árvore tornou-se um símbolo de identificação do valor da partilha para as crianças.

Tarefa 3: Valor da Entreajuda

Objetivos:

- Sensibilizar para o valor da entreajuda
- Promover o valor da entreajuda através do recadinho

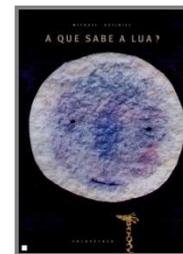


Ilustração 21 – Capa da história "A que Sabe a Lua"

- Perceber qual a importância de ajudar o outro
- Identificar o valor da entreajuda
- Estimular para o valor da entreajuda através de situações concretas

História: "A que sabe a lua" de Michael Grejniec

Sinopse:

Esta história mostra-nos o desejo que os animais tinham em saber a que sabia a lua, se era doce ou salgada. Mas esta mostrava-se inalcançável, e um animal sozinho nunca conseguiria lá chegar, e este desejo só se concretiza graças à cooperação e à ajuda mútua entre os mais diversos animais. Desde a tartaruga, ao elefante, à girafa, à zebra, ao leão, ao raposo, ao macaco e até ao mais pequeno de todos eles, o rato, que por fim consegue alcançá-la e assim concretiza os desejos de todos os animais, dando-lhes um pedacinho da lua.

Atividades:

a) Leitura e dramatização da história, e posterior exploração da mesma

Esta história foi explorada de uma forma diferente, tal como podemos ver na figura seguinte, foi usado um tapete para que as crianças percebessem de que forma os animais se entreadajudaram, chegando deste modo ao valor, e o seu aparecimento na história.



Ilustração 22 - Tapete da história "A que sabe a lua"

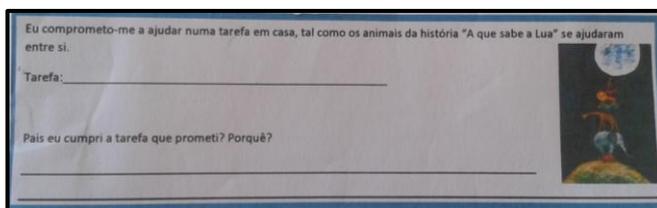
Ao visualizarem o tapete, as crianças mostraram-se muito motivadas para a leitura e dramatização da história. Ao mostrar a capa do livro as crianças foram questionadas sobre os elementos presentes na mesma. Deste modo foi realizada a leitura e dramatização da história através do tapete, para que as crianças entendessem a história, e principalmente a importância de nos ajudarmos uns aos outros, sensibilizando para o valor da entreadajuda.

Após a leitura foram realizadas questões de interpretação literal, inferencial e literal, estética e de leitura crítica, para que fosse possível às crianças chegarem ao valor implícito na história, bem como para uma maior aquisição e interpretação da mesma.

b) Sub-tarefa 1: O Recadinho

Para iniciar esta primeira tarefa, foi aberta a caixinha dos valores pelo chefe do dia, para descobrir qual o desafio para o valor da entreadajuda. Nesta tarefa as crianças tiveram acesso a um recadinho, que foi explorado com as mesmas, para que elas se comprometessem a ajudar numa tarefa em casa. Todas as crianças estavam motivadas para a tarefa e mostram responsabilidade e autonomia em realizá-la. Nesse sentido com

uma criança de cada vez, fui percebendo qual a tarefa a que se comprometiam realizar, e fui registando nos respetivos recadinhos. Depois de todos os recados concluídos, foi questionado a cada criança qual a tarefa que escolheram, mostrando a importância de a realizar, promovendo assim o valor da entreaajuda.



Eu comprometo-me a ajudar numa tarefa em casa, tal como os animais da história "A que sabe a Lua" se ajudaram entre si.

Tarefa: _____

Pais eu cumpri a tarefa que prometi? Porquê?

Ilustração de um animal a ajudar outro numa tarefa.

Ilustração 23 - Recadinho

c) Sub-tarefa 2: Dramatização de uma situação concreta

Esta tarefa consistiu em desarrumar três áreas da salinha sem que as crianças tivessem conhecimento, para que fosse possível observar atitudes e reações aquando da entrada das mesmas na sala. Foram desarrumadas a área da biblioteca, a da casinha e a dos jogos.

d) Sub-tarefa 3: Identificação de atitudes de ajuda e não ajuda

Nesta tarefa foi mostrado às crianças um cartaz, que pretendia através dele lançar uma discussão de ideias com as crianças, sobre atitudes de ajuda e não ajuda. Este cartaz estava dividido em duas partes, de um lado iriam colocar as imagens onde se notava atitudes de ajuda e do outro lado as imagens onde essa ajuda não se verificava. As imagens foram exploradas uma de cada vez com as crianças, de modo a perceber se entendiam o que estava a acontecer na imagem como posteriormente discutir onde colocar as imagens. Uma vez que são crianças pequenas, as imagens foram mostradas individualmente e em grupo, para que atendessem aos pormenores das mesmas.



Ilustração 24 - Cartaz de Ajuda e Não Ajuda

Tarefa 4: Valor da Amizade

Objetivos:

- Sensibilizar para o valor da amizade
- Favorecer o trabalho a pares
- Entender a importância de ser amigo
- Identificar qual o amigo que está escondido
- Identificar e distinguir quais as situações de amizade e de não amizade



Ilustração 25 - Capa da história "A Ovelhinha que veio para o jantar"

História: "A Ovelhinha que veio para o Jantar" de Steve Smallman

Sinopse:

Esta história fala-nos de uma ovelhinha, muito fofinha, que conquistou o coração de um lobo velhinho, esfomeado e matreiro. Farto de comer sopa de legumes todos os dias, desejou ter para o jantar uma Ovelhinha, assim procurou logo uma receita para fazer um ensopado de borrego, mas vários percalços surgem, de entre eles a ovelhinha acaba por beijá-lo na bochecha e este então expulsa-a de casa pois receia fazer-lhe mal. Mas quando repensa a situação e fica aflito, corre a procurá-la. Não a encontrando, o lobo volta muito triste. No entanto a amizade que os dois tinham um pelo outro é mais forte que tudo, e quando regressa a casa encontra a ovelhinha à lareira, à sua espera, e ficam amigos para sempre.

Atividades:

a) Leitura e Dramatização da História: "A ovelhinha que veio para o jantar" com fantoches

Esta história foi apresentada às crianças através da dramatização com fantoches. Inicialmente foi-lhes mostrada a capa do livro para que identificassem os elementos presentes e para que tentassem adivinhar como se chamava a história. Esta foi dramatizada com expressividade e entoação de forma a cativar as crianças, e a promover nelas curiosidade e entusiasmo. De seguida foram colocadas questões de interpretação literal, de compreensão inferencial e literal, e estimuladores de leitura crítica para uma melhor compreensão da história, e para perceber se as crianças tinham chegado ao valor

nela implícita. Na ilustração 26, podemos visualizar o teatro de fantoches realizado, bem como as personagens da história, a ovelhinha e o lobo.



Ilustração 26- Materiais para a dramatização da história

b) Sub-tarefa 1: Registo Gráfico sobre “Ser amigo”

Nesta primeira sub-tarefa, foi realizado um brainstorming com as crianças sobre o que é “Ser amigo”. Esta tarefa tinha como finalidade obter por parte das crianças a sua opinião sobre o que significava para elas ser amigo e o que faziam com os amigos. As ideias das crianças foram registadas no quadro da sala.

c) Sub-tarefa 2: Canção do Amigo

Esta tarefa, tinha como objetivo, para além de envolver outros domínios, o ensino de uma canção, de forma a envolver as crianças ainda mais neste valor da amizade. Nesse sentido, inicialmente a canção foi escutada pelas crianças uma vez, para que começassem a aprender a letra, de seguida e após já saberem a letra da música foi-lhes ensinada uma pequena coreografia, para que sempre que ouvissem a música a pudessem dramatizar também com os amigos. Esta canção tinha uma linguagem muito simples, como podemos ver seguidamente:

Eu tenho amigo
Que anda sempre comigo
Se vamos brincar, rimos sem parar
Sempre que estamos juntos, o dia não tem fim
Eu tenho um amigo, que gosta de mim.

d) Sub-tarefa 3: Coração da Amizade

Esta tarefa divide-se em duas partes, inicialmente foi solicitado a cada criança que escolhesse um amiguinho, de forma a formar pares. De seguida, um par de cada vez tinha a tarefa de fazer o contorno da mão do seu amiguinho com marcador, e de seguida com tinta e pincel pintar a mão que estava desenhada. Esta tarefa pretendia criar uma situação de amizade e cumplicidade entre o par, daí terem tido oportunidade cada criança escolher o seu par, e envolver a técnica do contorno com marcador, e a pintura com pincel, como podemos visualizar na ilustração 27.



Ilustração 27 - Tarefa a pares, para posteriormente construir o coração da amizade

Na segunda parte, cada criança disse o que significava para ela “ser amigo”, e essa frase foi escrita na mão que estiveram a fazer anteriormente. De seguida todas as mãos foram colocadas no painel do coração da amizade. Como podemos ver abaixo na ilustração 28:



Ilustração 28 - Coração da Amizade

e) Sub-tarefa 4: Jogo do Amigo Escondido: Desafio da Caixinha dos valores

Nesta tarefa, foi inicialmente solicitado ao chefe que abrisse a caixinha dos valores, para vermos qual o desafio dessa semana. Após o chefe abrir a caixinha, esta trazia um desafio muito divertido, o “Jogo do amigo escondido”. Este jogo tinha regras muito específicas, e de início pedia que as crianças se reunissem em semicírculo, depois eu iria escolher uma criança para sair da salinha, enquanto outra criança do grupo se escondia. Quando eu entrasse com a criança que saiu da sala comigo, ela teria que adivinhar qual dos amiguinhos estava escondido. Quando adivinhasse, estes teriam que dar um abraço.

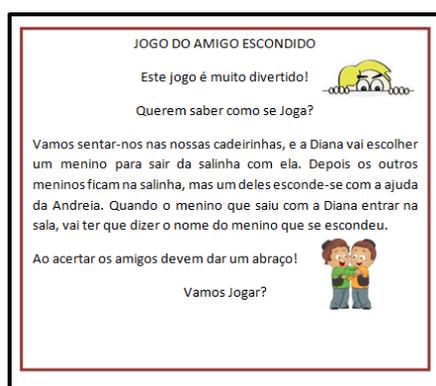


Ilustração 29 - Jogo do Amigo Escondido

f) Sub-tarefa 5: Visualização de um vídeo sobre a Amizade e a não Amizade

Nesta tarefa, foi colocado um vídeo com algumas imagens, que mostravam comportamentos de amizade e comportamentos onde não se verificava o valor da amizade. Conforme iam sendo mostradas as imagens, as crianças eram questionadas sobre cada uma delas, sobre o facto de, na imagem as crianças estarem a ser amigas ou não, e porquê. De seguida foi estabelecido um breve diálogo com as crianças sobre a importância da amizade e em que momentos nós podemos mostrar que somos amigos uns dos outros, e nomeadamente darem exemplos de situações reais, onde elas presenciaram a amizade e a não amizade. O vídeo continha as seguintes imagens:



Ilustração 30 - Imagens contidas no vídeo: "Amizade VS Não Amizade"

Tarefa 5: Valor do Respeito

Objetivos:

- Sensibilizar para o valor do Respeito
- Saber trabalhar a pares
- Perceber qual a importância do respeito
- Mostrar situações de respeito
- Identificar situações de respeito e não respeito

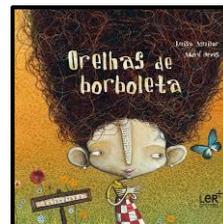


Ilustração 31 – Capa da história "Orelhas de Borboleta"

História: Orelhas de Borboleta de Luisa Aguilar

Sinopse:

Mara é uma menina muito positiva, e com uma imaginação muito fértil. Mara depara-se com o facto de outras crianças dizerem que ela tinha orelhas grandes, e ao questionar a mãe sobre o assunto, esta diz-lhe que são orelhas de borboleta, orelhas que «revoluteiam sobre a cabeça e pintam as coisas feias de mil cores». Ao longo da história esta menina vai enfrentar um grupo de crianças que apenas lhe apontam defeitos, e que a desrespeitam, mas Mara é mais forte e positiva que todos, e mostra-lhes que tudo tem um lado bom, e que é importante respeitar as diferenças dos outros.

Atividades:

a) *Leitura e visualização da história através de vídeo*

Esta história foi apresentada às crianças através de um vídeo. Inicialmente foi-lhes mostrada a capa do livro para que identificassem os elementos presentes e para que tentassem adivinhar como se chamava a história. Depois as crianças puderam visualizar o vídeo, para que tivessem contacto com a história. De seguida foram colocadas questões de interpretação literal, de compreensão inferencial e literal, e estimuladores de leitura crítica para uma melhor compreensão da história, e para perceber se as crianças tinham chegado ao valor nela implícita.



Ilustração 32 - Crianças na hora do conto, a visualizar a história em vídeo

b) Jardim do Respeito: Desafio da Caixinha dos Valores

Esta tarefa dividiu-se em duas fases. Pretendia-se com esta tarefa criar o “Jardim do Respeito”, e onde cada criança pudesse deixar a sua marca, e principalmente que soubesse respeitar os outros. Numa primeira fase, as crianças escolheram o seu par, para preencherem as borboletas com, pedacinhos de papel de lustro, papel canelado, e lã. A atividade foi realizada com um par de cada vez, para que ao mesmo tempo pudesse estabelecer um diálogo, para perceber de que forma as crianças devem e podem respeitar. Enquanto isso, algumas crianças iniciaram a decoração do nosso jardim, colocando papel crepe verde para fazer a relva, papel crepe branco para as nuvens e pintaram o restante painel de azul para parecer o céu, o habitat perfeito para as nossas borboletas.

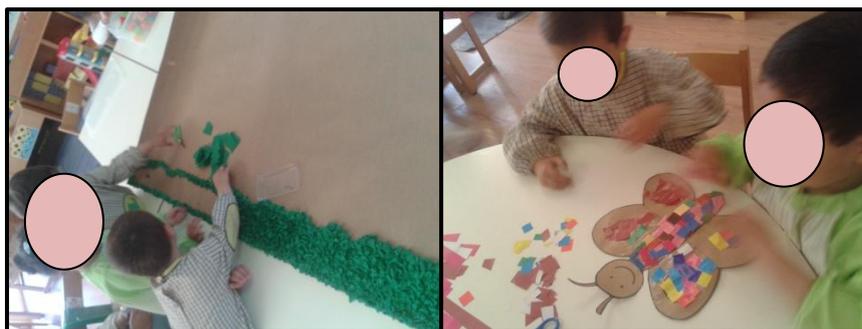


Ilustração 33 - Construção do "Jardim do Respeito"

Numa segunda fase, foi proposto às crianças que colocassem as suas borboletas no Jardim, e que revelassem qual a frase que disseram quando questionadas “O que devemos Respeitar?”. Deste modo o nosso “Jardim do Respeito” iria ficar completo, e principalmente como ponto de referência para este valor tão importante.

c) Dramatização de uma situação concreta

Nesta tarefa, as estagiárias dramatizaram situações do dia-a-dia, “atirar lixo para o chão”, “gritar uma com a outra”, “não partilhar um brinquedo”, “chamar nomes como orelhuda”, “correr na sala”, “não obedecer a uma ordem”, entre outras. Ao mesmo tempo que as situações iam acontecendo, eu ia questionando as crianças sobre as atitudes tomadas, e de que forma não estão a respeitar, “Acham que ela fez bem? Porquê?”, lançando desta forma uma breve discussão sobre o que devemos respeitar e porquê, e quais as atitudes certas e erradas.

d) Circuito do respeito pelos sinais de trânsito

Para iniciar esta tarefa, as crianças tiveram acesso a três sinais de trânsito, o sinal de STOP, da passadeira, e o semáforo. Foram explicados às crianças os três sinais, para que os entendessem e soubessem o que teriam que fazer quando cada um deles aparecesse. Deste modo foram realizados dois jogos. O primeiro jogo consistia em colocar as crianças em fila indiana, e eu conduzia-as. Quando levantava o sinal vermelho, e posteriormente, o sinal verde, as crianças teriam que respeitar cada um deles.

O segundo jogo consistia numa estrada, onde estavam presentes os três sinais aprendidos pelas crianças. Nesse sentido era pedido que as crianças fizessem o circuito respeitando cada um dos sinais conforme fossem aparecendo, ao mesmo tempo, as crianças iam realizando exercícios de motricidade global, como saltar ao pé-coxinho, rastejar, saltar para dentro de arcos, e saltar alternadamente.



Ilustração 34 - Sinais de trânsito utilizados no jogo de motricidade



Ilustração 35 - Circuito (Estrada)

Tarefa 6: Manta dos Valores e Puzzle dos Valores

Objetivos:

- Saber o que é o valor da partilha, da entreaajuda, da amizade e do respeito
- Identificar cada valor
- Demonstrar através do desenho, o valor escolhido para incluir na Manta dos valores
- Identificação de cada valor através do Puzzle dos Valores

Atividades:

a) Escolha do valor

Esta tarefa divide-se em duas fases distintas, inicialmente foram mostradas às crianças as quatro histórias abordadas, referentes aos valores morais trabalhados, e é feita uma breve revisão sobre cada uma, realçando o que foi mais importante em cada uma, bem como o valor nela implícita.

Numa segunda fase, cada criança iria escolher através de um pictograma, qual a história de que mais gostou, e sobre a qual iria realizar um desenho. Nesta altura foi feita uma sugestão às crianças, foi-lhes mostrado pedacinhos de tecido, e questionado, o que poderíamos fazer com eles, se os juntássemos todos. Após esta breve discussão, e chegando ao projeto final que seria a manta dos valores, cada criança escolheu então a história que queria, para posteriormente representar através do desenho em tecido o valor escolhido. Na seguinte ilustração, podemos visualizar o pictograma antes e depois das escolhas das crianças.

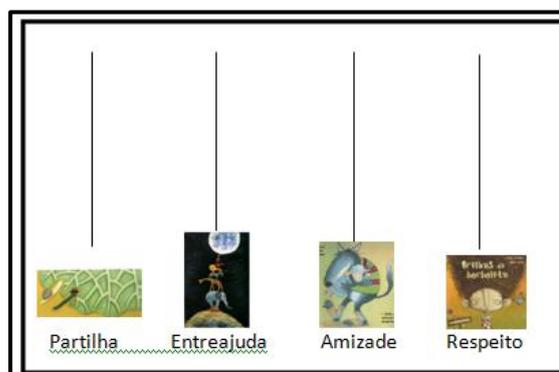


Ilustração 36 - Pictograma das escolhas das crianças

b) Desenho sobre o valor escolhido, para integrar a manta dos valores

Nesta tarefa, cada criança desenhou algo que se relaciona-se com o valor que tinha escolhido. Desta forma, foram reunidas todas as frases que cada criança disse sobre cada valor ao longo de todas as sessões, para que as crianças fossem confrontadas sobre o que disseram relativamente ao valor escolhido, tornando-se um ponto de partida para a conceção do desenho. Assim desta forma, foi tida em conta a vontade da criança relativamente ao desenho que queria construir. No final de todas as crianças terem feito os seus desenhos, estes foram levados para cozer, para desta forma construir a manta dos valores, que posteriormente foi exposta na entrada do jardim-de-infância, como projeto final dos valores sociais, e também como forma de sensibilizar para a importância dos mesmos na nossa sociedade.

c) Montagem do Puzzle dos Valores

Esta tarefa tinha como objetivo, ser uma forma de avaliar as crianças, sobre tudo que aprenderam sobre os valores sociais, e as histórias com eles relacionados. Desta forma, esta atividade consistia na montagem de um puzzle, individualmente, de forma a ligar as imagens aos valores em questão, às atitudes e às histórias, e explicarem o porquê de fazerem aquela escolha, bem como o que está presente nas imagens. O puzzle era dividido em 4 partes, cada parte tinha 3 peças, e as crianças teriam que fazer os conjuntos de peças, de forma a chegarem ao valor correto. As primeiras peças tinham a imagem da história, as segundas o símbolo atribuído ao valor em questão, e as terceiras, atitudes tomadas pelas crianças que teriam que ser inseridas no conjunto de peças correto. Foi tido em atenção que os encaixes das peças fossem todos brancos, para não induzir à resposta correta.



Ilustração 37 - Puzzle dos Valores

3.6. Procedimento de análise de dados

Numa análise de cariz qualitativo, o volume de dados recolhidos é enorme, e o investigador tenta analisá-los em toda a sua riqueza, respeitando o mais possível a forma como estes foram registados ou transcritos (Bogdan & Biklen, 1994). Neste sentido, e feita toda essa análise criteriosa e indispensável, é necessário ter em conta que neste tipo de abordagens, tudo tem que ser examinado com a ideia de que nada é trivial, que todos os dados recolhidos têm potencial para construir uma pista que permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (Bogdan & Biklen, 1994).

Numa primeira etapa desta investigação, os dados foram recolhidos e analisados em bruto, mas posteriormente foram examinados e confrontados de forma a poderem ser apresentados, visando dar sentido à questão problema do estudo, bem como aos objetivos delineados.

Nesse sentido, tornou-se necessário, criar itens de análise, de forma a dar resposta ao estudo, o que segundo Bardin (1977), permitem uma melhor classificação dos elementos recolhidos, e desta forma dar-lhes significado (p.37).

Foram então criados itens de análise, **(i) Identificação do valor implícito em cada história**, de modo a verificar se as crianças identificam o valor presente nas histórias, **(ii) Operacionalização do valor**, se as crianças evidenciam e põe em prática os valores, em determinadas situações, e por fim se **(iii) Demonstra interesse pelas atividades**, verificando se as crianças estão motivadas, e se as atividades foram as adequadas.

4. Análise e Tratamento de Dados

Nesta quarta secção, são apresentados, analisados e discutidos os dados obtidos durante o estudo. Nesse sentido, é feita uma análise que se evidencia pelos itens definidos. Deste modo, é feita uma interpretação dos dados recolhidos item a item, demonstrando vários momentos das implementações, nomeadamente reações, comentários e comportamentos das crianças, face às atividades realizadas. A análise é analisada através dos seguintes itens, *(i) identificação do valor implícito em cada história;* *(ii) operacionalização do valor* e *(iii) demonstra interesse pelas atividades.*

4.1. Interpretação dos dados recolhidos nas tarefas

(i) Identificação do valor implícito em cada história

Face ao primeiro item, este permite analisar os dados obtidos referentes às histórias exploradas, nomeadamente na identificação do valor implícito em cada uma delas, por parte das crianças. A história “Caracol e Lagarta” foi contada às crianças com recurso ao livro, num primeiro momento foram explorados os elementos paratextuais, e pude verificar que as crianças corresponderam ao diálogo efetuado ainda antes da leitura da mesma. Após a leitura, esta foi analisada, com algumas questões de interpretação, para que a história fosse compreendida, e principalmente que fosse descoberto por parte das crianças o valor nela implícita.

Durante o questionamento sobre aspetos presentes na história as crianças responderam de forma correta, no entanto como as crianças não chegaram de imediato ao valor implícito foram realizadas outras questões para que as crianças conseguissem perceber o valor presente na história.

Após o questionamento, pude verificar que apenas uma criança conseguiu verbalizar o valor implícito na história. Apesar de todas as crianças terem entendido a história e responderem às questões sobre a mesma, não se verificaram respostas por parte das crianças relativamente ao valor nela implícita.

Posto isto, os dados levaram-me a perceber que apesar desta história ter uma linguagem muito simples, e não ser extensa, foi difícil para as crianças descobrirem o valor subentendido. Pude constatar que elas entenderam muito bem a história, a sequência de acontecimentos e as atitudes das personagens, mas a palavra partilhar tornou-se difícil de alcançar, daí apenas uma criança ter conseguido chegar ao valor sozinha.

A história “A que sabe a lua” foi contada às crianças com recurso ao livro e ao tapete das histórias. Este tapete era bastante atrativo e estava incompleto, pois era pretendido que ao longo da história este fosse preenchido, tendo em conta os acontecimentos. Deste modo, de início foi explorada a capa e contracapa do livro, bem como o tapete que se encontrava vazio. Ao explorar a capa, as crianças quase em coro e sem hesitações retorquiram, - “É a história da lua!”, mesmo sem a conhecerem. Durante a leitura e a colocação dos animais no tapete, as crianças mantiveram-se atentas, e no final da história sabiam responder a todas as questões colocadas sobre os aspetos e pormenores da história. Posto isto, procedeu-se à exploração do tapete com as crianças de modo a chegar ao valor implícito na história.

De seguida, foi reforçada a ideia de como é importante ajudar os outros, e assim verificar que nesta história o valor implícito foi descoberto por parte das crianças de uma forma muito rápida, simples e direta. Foi importante a utilização do tapete das histórias na medida em que facilitou a aquisição da história bem como a compreensão do valor presente. Através do tapete as crianças conseguiram perceber a importância de nos ajudarmos uns aos outros, e de que forma os animais se entreadujaram.

A história “A ovelhinha que veio para o jantar” foi contada às crianças através da dramatização com fantoches. Primeiramente os fantoches foram mostrados às crianças e explorados por elas, de seguida foi explorada a capa do livro, e as crianças foram questionadas, “Do que falará esta história?”, ao que as crianças responderam, “É do lobo e do cabritinho!”.

Posto isto, procedeu-se à dramatização da história, as crianças mantiveram-se muito atentas e calmas, durante a mesma. No final da dramatização, foi mantido um

diálogo com as crianças sobre a mesma, fazendo uma breve análise e dialogando sobre as atitudes e reações das personagens,

Esta história foi compreendida pelas crianças muito facilmente, a criança RB demonstrou saber toda a história, incluindo determinados pormenores. O facto de ter sido apresentada sob a forma de teatro, despertou a atenção nas crianças e permitiu uma melhor compreensão da mesma, nomeadamente descobrir o valor nela implícito. A criança RB foi a primeira a referir que era a amizade que estava evidente na história.

Posto isto, as crianças foram confrontadas com as questões “O que é ser amigo?” e “E o que é que os amigos fazem?”.

DL – “Ser amigo é partilhar?”

RB – “Os amigos dão abraços e beijinhos”

GG – “Brincam, eu brinco à macaca com o meu amigo Henrique!”

Deste modo, foi possível ter a perceção que as crianças tinham diferentes ideias sobre o que fazem com os amigos, e mostraram estar sensibilizadas para a importância de ter amigos e de que maneira se deve tratar os amigos. Esta história permitiu de uma forma muito clara, chegar ao valor pretendido e refletir com as crianças como é bom ter amigos e saber cuidar deles.

A história “Orelhas de Borboleta” foi contada às crianças em vídeo. Inicialmente foi explorada minuciosamente a capa do livro e os vários elementos nela presente. Por ser uma história em vídeo, foi necessária esta abordagem inicial, para que as crianças prestassem atenção a determinados elementos fulcrais para a compreensão da mesma. Os pormenores que as crianças mais evidenciaram foi o tamanho das orelhas, o cabelo, o nariz e a borboleta que ilustra a capa. Após a visualização do vídeo que continha a história na íntegra, senti que as crianças ficaram com dúvidas, nesse sentido decidi fazer a dramatização da mesma com a ajuda do meu par de estágio e da educadora cooperante, no sentido de interpretarem melhor a história. Após termos terminado a dramatização, notou-se um envolvimento maior das crianças em volta da história, e posto isso foi iniciado um diálogo com as crianças, questionando-as sobre atitudes das personagens, e aspetos importantes e relevantes da história.

Através desta história, concretamente das atitudes das personagens, foi possível que as crianças chegassem à palavra “respeitar”, não abordando de forma aprofundada as diferenças mas sim chegando ao respeito pelas regras da sala, que era o objetivo primordial, verificando que as crianças têm ideias claras do que é respeitar. Pude também verificar que nesta faixa etária, as crianças ainda não vêem maldade em certas atitudes, tanto que a criança RB referiu que queria ter orelhas de borboleta.

Ao abordar o valor do respeito relacionando-o com as regras, tornou-se mais claro para as crianças, e acabam por dar exemplos do seu quotidiano. Esta história esteve sempre presente na memória das crianças, como exemplo de que não devemos desrespeitar os outros.

(ii) Operacionalização do valor

Face ao segundo item, pretende-se verificar se as crianças evidenciam e põem em prática os valores da partilha, entajuda, amizade e respeito, em situações concretas nomeadamente através das atividades realizadas.

Aquando da Atividade de diagnóstico foi possível observar quais os comportamentos e atitudes das crianças. Na tabela 2, apresentam-se as observações realizadas por cada par.

Tabela 2 – Síntese das observações da atividade de diagnóstico

Par de Crianças	Observação
DL ; HC	Este par decidiu quem pintava a menina e o menino. Iam conversando um com o outro sobre o que estavam a pintar. A criança DL disse à colega “Está a ficar muito bonito”. A criança DL desistiu de pintar o desenho e disse “estou cansado”, a criança acabou por pintar a parte dela toda até ao fim.
RF ; LA	Este par não revelou grande interesse pela atividade, pintaram apenas algumas partes do desenho, mas muito desinteressados. A criança RF pegava nos lápis todos, em vez de pintar a sua parte. A criança LA pintava de forma aleatória sem olhar às cores e aos

	objetos.
MQ ; TR	Este par decidiu quem pintava o menino e a menina. A criança MQ muito perfeccionista ia dando sugestões à colega TR, mas esta pintava como queria. Não pintaram o desenho até ao fim pois desentenderam-se, a criança MQ estava constantemente a olhar para a parte da colega, e a dizer-lhe “ Não é dessa dor”. A criança TR acabou por pintar a parte dela toda, e a criança MQ desistiu de pintar.
RB ; RS	Este par decidiu quem pintava a menina e quem pintava o menino. Não conseguiram partilhar a folha durante muito tempo, a criança RB riscou a parte do desenho da criança RS e acabou por mordê-la no braço, de seguida a criança RS atirou os lápis todos para o chão. Depois apanharam-nos e começaram a riscar a mesa. A criança RS ia insistindo “É para os dois o desenho”.
MS ; JF	Este par mostrou uma grande capacidade de entreajuda e partilha. Pintaram o desenho colaborando um com o outro, e pedindo sugestões sobre as cores a usar.

Analisando e interpretando os dados da tabela, podemos verificar que dois dos pares, apesar de não terem terminado o desenho na totalidade, não criaram atritos e mostraram um comportamento social adequado, nomeadamente ao nível da partilha, entreajuda, respeito e amizade. O interesse e o relacionamento dos pares foi determinante no resultado final do desenho, os pares que quase terminaram a pintura na totalidade souberam valorizar os comportamentos sociais em destaque, como podemos observar nas ilustrações 38 e 39.



Ilustração 34 - Desenho do par MS e JF



Ilustração 39 - Desenho do par DL e HC

Importa ainda salientar que a atitude da criança RB foi decisiva na pintura do desenho pelo par. A partir desse momento houve desmotivação na tarefa. O par acabou por riscar a parte um do outro, como podemos ver na figura abaixo apresentada.



Ilustração 40 - Desenho do par RB e RS

Esta tarefa de forma diagnóstica permitiu visualizar e interpretar quais os comportamentos das crianças, aquando da partilha dos lápis e do desenho com os amigos. Importa salientar que os lápis fornecidos a cada par não possuíam cores repetidas, para que houvesse uma total partilha e entreaajuda do par. Pude também visualizar comportamentos de respeito e de amizade, que em alguns casos não se verificaram. Esta tarefa tornou-se um ponto de partida para a realização das restantes tarefas que tinham como objetivo sensibilizar as crianças para atitudes e comportamentos mais adequados.

Outra tarefa onde é evidenciado este item é na tarefa da Partilha, mais concretamente na sub-tarefa 1, onde pudemos também analisar e interpretar dados recolhidos tendo em conta este mesmo item. Deste modo o desafio desta sessão era propor às crianças que tal como os animais da história partilharam a mesma folha, que estas em pares pintassem a mesma folha que posteriormente seria afixada na árvore da partilha. Posto isto, foram criados pares aleatórios, e cada par pintou a sua folha, e respondeu às seguintes questões: *“O que é partilhar? O que costumam partilhar?”*. Analisando os dados obtidos, e tendo em conta se as crianças operacionalizam o valor em questão, foi possível observar o seguinte:

O par DL e JF, pintou a folha numa atitude de partilha e entreaajuda, e quando questionados:

Investigadora – *“O que é partilhar?”*.

DL- “Temos que partilhar outras coisas, lápis, livros de histórias”.

JF – “Eu gosto de partilhar livros”.

Investigadora - “E o que costumam partilhar?”

DL – “Eu partilho o computador do Noddy”.

JF – “Eu partilho os meus carros com a minha irmã”.

Este par demonstrou atitudes de partilha, pude verificar que sabem pôr em prática este valor, tendo em conta os exemplos dados pelo par.

O par MS e RF, pintou a folha mutuamente, embora a criança RF se mostra-se um pouco desinteressada pela pintura da folha, quando questionadas,

Investigadora – “O que é partilhar?”.

RF - “Partilhar é deixar os amigos pintarem comigo”.

Investigadora - “E o que costumam partilhar?”

MS - “Partilho livros com a minha irmã”.

RF - “Partilho a comida com os meus irmãos.”

Neste par, as crianças evidenciaram comportamentos de partilha, e que põe em prática este valor, tendo em conta os exemplos que referiram aquando das questões colocadas.

O par RS e JM pintou a folha numa atitude de partilha e entreadjuada, e quando questionados,

Investigadora – “O que é partilhar?”.

RS - “É partilhar a folha”.

Investigadora - “E o que costumam partilhar?”

RS – “A folha e o jogo”.

JM - “Partilho o jogo com o meu irmão”.

O par RB e AN pintou a folha, mostrando atitudes de partilha e ajuda mútua, quando questionados

Investigadora – “O que é partilhar?”.

RB - “Partilhar é pintar com o meu irmão”.

AN - “É partilhar a bicicleta”.

Investigadora - “E o que costumam partilhar?”

RB – “Desenhos com o meu irmão”.

AN – “A bicicleta com a Cáci (madrinha)”.

O par GG e LA, pintou a folha mutuamente, quando questionados,

Investigadora – “O que é partilhar?”.

GG - “Partilhar é ser amigos”.

Investigadora - “E o que costumam partilhar?”

GG – “Partilho Brinquedos”.

LA - “Partilho a pá com a minha mana”.

O par RB e MQ pintou a folha numa atitude de partilha e entreadajuda, a criança RB já tinha constituído um par, no entanto voluntariou-se para pintar com a criança MQ já que esta não tinha par. Quando questionados,

Investigadora – “O que é partilhar? O que costumam partilhar?”

MQ - “Partilho a mota com o meu irmão de “brincar”.

Face a esta análise, pude concluir que de um modo geral, as crianças demonstram atitudes de partilha, evidenciando situações do seu quotidiano, e demonstrando atitudes adequadas.

Tendo em conta a tarefa da entreadajuda, nomeadamente a sub-tarefa 1, “O Recadinho”, este item também se verifica. Após o diálogo mantido com as crianças sobre a importância de ajudar os outros, foi lançado o desafio do recadinho, que tinha como objetivo primordial, a operacionalização de uma tarefa que se comprometiam a realizar em casa. Cada criança referiu individualmente qual a tarefa a que se comprometia e levou o recadinho para casa. Posto isto, quando rececionei os recadinhos as crianças foram confrontadas com a tarefa, com a prática da mesma, e também com a resposta dos pais à sua execução ou não. Nesse sentido, no dia seguinte algumas crianças já tinham trazido os recados, e fizeram questão de os ir buscar à mochila para que os pudesse ver. Aproveitei esse momento para discutir com elas a tarefa em questão e se gostaram de ajudar a mãe/pai na tarefa, bem como se foram eles a ter a iniciativa. Para além da tarefa proposta no recadinho, era pedido aos pais que escrevessem no mesmo, se a criança tinha realizado a tarefa.

Assim sendo, pude verificar que dez crianças realizaram a tarefa, e três não. Das crianças que realizaram as tarefas foram obtidas as seguintes respostas, a criança AN, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a fazer a cama”, ao que os pais responderam, “Sim. Eu já ajudava a minha mãe a fazer a cama”. A criança RF, comprometeu-se a realizar a tarefa, “Ajudar a fazer a comida”, ao que os pais responderam, “Sim, porque é uma tarefa que me agrada”. A criança LA, comprometeu-se a realizar a tarefa, “ajudar a mãe dando-lhe as molas para pôr a roupa a secar”, aos que os pais responderam, “Porque gosto de ajudar a mãe”. A criança MS, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a Beatriz a arrumar o quarto”, ao que os pais responderam, “Sim porque tenho que arrumar o que desarrumo. A MS já costuma participar nesta tarefa. Obrigada”. A criança RB, comprometeu-se a realizar a tarefa, “Ajudar a mãe a fazer a cama”, ao que os pais responderam, “Sim. Porque a RB adora ajudar a mamã nas tarefas de casa”. A criança MQ, comprometeu-se a realizar a tarefa, “Ajudar a mãe a arrumar a casa”, ao que os pais responderam, “Sim, o MQ ajudou a mãe a limpar o quarto dele e mudou os lençóis, pois ele disse que era a cama dele e queria ajudar”. A criança RS, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a mãe a fazer a comida”, ao que os pais responderam, “Sim. Ajudou-me a passar as batatas para descascar”. A criança GG, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a mãe a fazer a comida”, ao que os pais responderam, “Sim, o GG pediu-me para deitar o arroz na panela, sem que eu lhe pedisse”. A criança DL, comprometeu-se a realizar a tarefa, “Ajudar a mãe a fazer a comida”, ao que os pais responderam, “Sim! Ajudei a fazer gelatina de ananás e a cozinhar carne no forno”. A criança HC, comprometeu-se a realizar a tarefa, “Ajudar a mãe a fazer um bolo”, ao que os pais responderam, “Sim ajudei a mamã a fazer um bolo de chocolate e levo para a escola a prova”.

Três crianças não realizaram a tarefa, quando questionadas sobre o assunto, a criança IM, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a mãe dando-lhe as molas para pôr a roupa a secar”, e referiu que não a realizou porque “a mãe não tinha roupa para pôr a secar”, a criança SG comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a avó a fazer o polvo”, mas não a realizou porque referiu que “a avó não tinha polvo em casa”, e a criança JF, comprometeu-se a realizar a tarefa “Ajudar a mãe a limpar as paredes”, não a realizou

porque referiu que “eu já ajudei a mãe a limpar as paredes outro dia, mas foi antes de levar o recadinho”.

Na sub-tarefa 2 do valor da entreajuda, foi realizada uma dramatização de uma situação concreta, que está contida neste item, no sentido de verificar se as crianças põem em prática o valor da entreajuda. Posto isto, foram desarrumadas duas áreas da salinha, para permitir observar as reações e as atitudes das crianças face à situação, bem como forma de perceber se operacionalizam o valor em questão.

Quando as crianças entraram na sala, repararam logo que esta estava desarrumada, no entanto foram questionadas:

Investigadora – “O que aconteceu aqui na salinha? Está tudo desarrumado!”

Crianças - “Nós arrumamos tudo Diana, não fomos nós”.

Investigadora - “Então quem terá desarrumado a nossa salinha? E agora o que fazemos?”

RB - “Vamos arrumar a nossa salinha, nós ajudamos-te Diana”.

JF – “Temos que pôr a nossa salinha bonita outra vez!”

Nesse momento, todas as crianças iniciaram a arrumação da salinha, exceto a criança GG que se manteve sentada na cadeira.

Investigadora – “Então GG não nos ajudas a arrumar a nossa salinha?”

GG - “Não, porque estou muito cansado de brincar, e agora estou sentado na roda!”

Investigadora – “Então não queres ajudar os teus amigos, a pôr a salinha bonita e arrumadinha?”

GG – “Não!”

Nesta tarefa as crianças evidenciaram ter compreendido bem o valor da entreajuda e puseram em prática o mesmo, tomando a iniciativa de arrumar a salinha, ainda que não tenham sido elas a desarrumar. Apenas a criança GG não mostrou vontade de ajudar os amigos a deixar a salinha arrumada, salientando que não foi ela que desarrumou e que por esse motivo não tinha que ajudar. Pudemos concluir que nesta tarefa as crianças operacionalizaram o valor, sem lhes ser pedido, mostrando cooperação e entreajuda.

Na sub-tarefa 3, de identificação de comportamentos de ajuda e não ajuda foi também possível verificar este item, no sentido em que esta atividade permitiu visualizar comportamentos pouco adequados relativamente ao valor da entreeajuda. Assim sendo, inicialmente foi mostrado às crianças um cartaz que pretendia através dele lançar uma discussão de ideias com as crianças sobre atitudes de ajuda e não ajuda, bem como estabelecer um diálogo, de forma a perceber se elas concordam com estes comportamentos e atitudes presentes nas imagens. Cada imagem foi passada por todas as crianças para que posteriormente pudessem dar a sua opinião.

Quando foi mostrada a primeira imagem, que consistia em duas crianças que estavam a limpar a casa, as crianças foram questionadas sobre a mesma.

Investigadora - “O que está a acontecer nesta imagem? Estes meninos estão a ajudar ou não?”

Crianças – “Sim!”

GG – “Estão a arrumar a casa!”

RB – “Estão a ajudar.”

Nesta imagem foi muito claro o feedback das crianças, pois perceberam a importância de ajudarmos nas tarefas de casa, remetendo também para a tarefa do recadinho que já tinha realizado.

Na segunda imagem, estava uma menina no chão a chorar e a outra menina a ajudá-la a levantar-se, as crianças foram questionadas:

Investigadora – “E nesta imagem o que está a acontecer?”

DL - “A menina está a chorar”.

Investigadora - “E o que está a fazer a outra menina?”

RB – “A ajudar a outra menina a levantar”.

Na terceira imagem, está uma menina a desarrumar tudo, quando questionadas sobre a imagem as crianças responderam

Investigadora – “E aqui? O que está a acontecer?”

SG – “A menina está a desarrumar, acho que ela veio à nossa sala e desarrumou”

RF – “Ela está a atirar tudo pelo ar”

Crianças - “Sim, foi ela que veio desarrumar tudo”.

Na quarta imagem, aparecem duas crianças e a mãe, que mostra estar a dar uma ordem aos filhos para arrumarem alguma coisa ou para a ajudarem, quando questionadas as crianças referem que “ os meninos não estão a ajudar a mãe”,

AN - “A mãe está a dizer para eles irem arrumar”.

Na quinta imagem, estão presentes dois meninos a brincar com o camião, quando questionadas as crianças respondem:

Investigadora – “O que está a acontecer?”

Crianças - “Os meninos estão felizes a brincar”

LA - “Porque estão a partilhar o camião”.

Na última imagem, aparecem dois meninos, um deles no chão e o outro a rir-se, o que está no chão escorregou na casca da banana. Esta imagem gerou algumas dúvidas, a maioria das crianças não entendeu inicialmente que o menino tivesse escorregado na casca da banana, e por esse motivo não chegaram logo à solução.

SG - “O menino tem uma casca de banana na cabeça

Investigadora - “O que será que aconteceu?”

RB - “Acho que ele atirou a banana para cima da cabeça”.

Neste sentido, foi importante explicar o que tinha acontecido na imagem, para que percebessem o sucedido.

Investigadora – “Nesta imagem o menino escorregou numa casca de banana que estava no chão, o que está a fazer o outro menino?”

RB - “O outro menino está a rir do outro que tem a casca da banana na cabeça”.

HC - “Não está a ajudar”.

Nesta atividade, pude verificar que as crianças assimilaram muito bem este valor, e que reconheceram através das imagens se estavam a ajudar ou não, referindo o que está a acontecer em cada uma delas, e evidenciando comportamentos adequados e não adequados.



Ilustração 41 - Cartaz Final

Na sub-tarefa 1 da tarefa 4, foi realizado um registo gráfico no quadro, fazendo um brainstorming sobre “O que é ser amigo?”. Esta atividade é analisada neste item porque remete para comportamentos onde se evidenciam atitudes de ajuda e não ajuda. Inicialmente as crianças foram questionadas sobre aspetos da história, nomeadamente sobre a ovelhinha, que mostrou querer a amizade do lobo, e a importância de serem amigos. De seguida, as crianças foram questionadas sobre o que é ser amigo e o que costumam fazer com os amigos.

RB – “Ser amigo é dar um abraço e um beijinho!”

MQ – “É brincar”

DL – “É partilhar os brinquedos”

MM – “Ser amigo é brincar no parque”

SG – “Partilhar um carro”

RS – “Eu brinco com o RF aos leões”

DL – “Brinco com os tubarões”

JF – “Eu faço corridas de cavalos com o MQ”

Nesta tarefa pude verificar que as crianças tinham uma noção muito clara do que é ser amigo, e que brincadeiras fazem com os amigos. Foi uma atividade em que as crianças evidenciaram comportamentos de amizade, e o quão importante é ter amigos e brincar com eles. Pude também aferir que o comportamento do lobo e da ovelhinha teve um papel muito importante na abordagem desta atividade, pois a partir do comportamento dos mesmos foi mais simples para as crianças darem exemplos do que é ser amigo.

Ainda para analisar neste item, tendo em conta se o grupo de crianças operacionaliza e evidencia comportamentos de amizade, foi mostrado às crianças um vídeo que continha imagens que demonstravam comportamentos de amizade e de não amizade. Inicialmente foi explicado às crianças que iríamos visualizar um vídeo como se fosse um filme, e que no final iríamos ver uma imagem de cada vez para ver se existia amizade ou não amizade em cada uma delas. Após a visualização do vídeo, e ao visualizar a primeira imagem que continha uma menina a saltar à corda com os amigos, as crianças foram questionadas sobre a mesma.

LA – “A menina está a saltar à corda”

Investigadora – “E as outras meninas o que estão a fazer?”

SG – “Estão a brincar com ela”

Investigadora – “Então estão a ser amigas ou não?”

Crianças – “Sim!”

Investigadora – “E nesta imagem?” (mostrando a segunda imagem, onde estavam muitos meninos numa roda)

SG – “Estão na roda, a ser amigos!”

GG – “Os amigos dão a mão”

Investigadora – “E aqui nesta imagem?” (mostrando a terceira imagem, onde se via duas amigas a jogar à macaca)

SG – “Estão a jogar um jogo juntas”

MQ – “Mas eu consigo jogar sozinho”

Investigadora – “Mas achas que tem piada jogar sozinho MQ? É muito melhor se jogarmos com um amigo não achas?”

MQ – “Sim, mas eu consigo sozinho”.

Investigadora – “E nesta imagem?” (mostrando a imagem de duas crianças zangadas)

RB - “Estão zangados”

Investigadora - “Porque?”

RB - “Porque ele não dá o urso”

SG – “Está zangado e não está a ser amigo”

Investigadora – “E nesta imagem?” (Mostrando uma imagem de dois meninos a dar um abraço)

RB – “Aqui são amigos”

Investigadora - “O que estão a fazer?”

SG – “A dar abraços”

NA – “Parece que são irmãos gémeos”

HC – “Os irmãos dão abraços”.

Nesta atividade as crianças estiveram muito interessadas e participativas. Reconheceram sem dúvidas quais as imagens em que se verificava o valor da amizade, e

nas quais o mesmo não se conferia. Mostraram também interesse em corrigir as atitudes das crianças, evidenciando comportamentos adequados.

Outra atividade na qual se analisa e evidencia este item, é na sub-tarefa 2 da tarefa 5 – Respeito. Esta atividade consistiu na dramatização de situações concretas entre a investigadora e o seu par de estágio (Andreia), que demonstrou atitudes e comportamentos desadequados, no sentido das crianças os identificarem e corrigirem. Inicialmente a Andreia atirou papéis para o chão, as crianças reagiram logo dizendo:

RB – “Isso não se faz, põe isso no lixo!”

DL – “Não estas a respeitar”

De seguida, a Andreia sentou-se na cadeira e colocou os pés em cima da mesa, e a criança DL reagiu de imediato dizendo:

DL – “Não estou a gostar nada disso Andreia, e a Diana também não”

RB – “Olha que a Prof. Catarina vai ficar triste”

Depois, propositadamente a Andreia reagiu dando-me uma palmada e as crianças responderam:

MQ – “Olha que vais pensar para a cadeira”

RB – “Não podes bater Andreia, não estás a ser amiga”

DL – “Não estás a respeitar as regras da sala”

Esta atividade proporcionou às crianças, momentos em que ocorreram comportamentos e atitudes desadequadas. Analisando as respostas das crianças é possível verificar que não concordaram com as atitudes da Andreia, e que de imediato reagem aquando de um comportamento desfavorável, no sentido de corrigir, e mostrando que não está a respeitar as regras da salinha. Reconheceram que ela tomou atitudes erradas, e que quando temos esse tipo de comportamentos precisamos de ir para o cantinho pensar no que fizemos. Esta dramatização teve como finalidade provocar reações nas crianças, chamando-as à atenção para determinados comportamentos que elas próprias costumam evidenciar na sala.

Ainda integrada na tarefa do Respeito, a sub-tarefa 3, vem ao encontro do respeito pelas regras, e teve como objetivo primordial verificar se as crianças punham em prática tudo que aprenderam sobre o respeito. Este jogo de motricidade com sinais de trânsito,

promoveu para além de uma situação mais prática de atividade física, o quão importante é nós respeitarmos as regras e neste caso os sinais que aprendemos. Inicialmente, ainda na sala, foram mostrados às crianças os três sinais (STOP, Semáforo e passadeira) para averiguar se já os conheciam, e qual a função de cada um deles.



Ilustração 42 - Crianças a observarem o circuito



Ilustração 43 – Circuito dos sinais de trânsito

Montado o circuito, foi relembrada a função de cada sinal, para perceber se sabiam como agir na presença de cada um deles.

Durante o circuito, que envolveu diversas formas de locomoção, todas as crianças respeitaram os sinais. Enquanto faziam o circuito, iam sendo questionadas sobre cada sinal.

SG – “Temos que parar”(Quando se depararam com o STOP)

JF – “Parar”

RF – “Se estiver vermelho paramos” (relativamente ao semáforo)

RB – “E se estiver verde andamos”

MQ – “Passar a passadeira devagar, sem pisar as riscas brancas” (o facto de não pisarem as riscas estava relacionado com o exercício de motricidade, no entanto paravam sempre quando visualizavam o sinal de passadeira)

RS – “Cuidado MQ não podes pisar as riscas” (referindo-se ao sinal da passadeira)

Nesta atividade, foi possível verificar que as crianças puseram em prática todos os ensinamentos relativos ao respeito pelos sinais, nomeadamente respeitavam a fila, enquanto não chegava a sua vez. Analisando as respostas das crianças, podemos concluir que evidenciam comportamentos adequados de respeito pelas regras, algumas crianças tiveram ainda o cuidado de alertar os colegas para que respeitassem os sinais.

(iii) Demonstra interesse pelas atividades

Face ao terceiro e último item, pretende-se através dele verificar se as crianças estavam motivadas nas atividades realizadas, bem como se estas foram adequadas.

Na tarefa da partilha, mais concretamente na sub-tarefa2, era proposto às crianças que completassem a árvore da partilha que carecia de folhinhas, as quais as crianças tinham pintado em pares anteriormente. Nesse sentido, cada par veio colocar a sua folhinha e expor aos amigos o que tinha dito sobre o valor da partilha. Todos os pares se mostraram interessados na atividade, embora alguns não se lembrassem do que tinha dito sobre a partilha. No final algumas crianças referiram: “A nossa árvore ficou muito bonita”. Posto isto, pude concluir que esta atividade não foi muito motivadora para algumas crianças, que se mostraram desatentas durante a exposição dos colegas, no entanto de um modo geral as crianças gostaram, fazendo sempre referência à árvore quando falávamos em partilha durante as sessões seguintes.

A sub-tarefa do recadinho, foi também do interesse das crianças, o feedback da parte delas foi muito positivo, demonstrando que eram responsáveis, as crianças foram trazendo para a escola os recadinhos, e faziam questão de referir que tinham ajudado a mãe ou o pai na tarefa.

MQ – “Diana estas a ver, ajudei a mãe a fazer a cama”

MM – “E eu ajudei a Bia a arrumar o quarto”

GG – “A mãe deixou-me ajudar a deitar o arroz na panela”.

HL – “Eu ajudei a fazer um bolo, e até trouxe para a escolinha”.

Esta atividade apesar de ter sido realizada em casa, foi uma mais-valia para que as crianças compreendessem melhor o valor em questão, e nesse sentido tornou-se adequada e pertinente, ainda que três crianças não tenham concluído as tarefas a que se comprometeram, as restantes revelaram entusiasmo e dedicação.

Na tarefa da amizade, nomeadamente na sub-tarefa 2, foi ensinada às crianças a canção do amigo, foi um atividade que se mostrou muito enriquecedora, e do agrado das crianças. Cada vez que colocávamos a música, o grupo dava as mãos e caminhavam pela sala como se estivessem a passear com os amigos, e no final da canção davam um abraço.

O grupo nunca se esqueceu desta canção, e sempre que eram questionados sobre que música colocava em alguns momentos de atividades em grupo, eles escolhiam a canção do amigo, sabiam a letra, dançavam e pediam sempre para a repetir.

MQ – “Põe outra vez Diana”

Investigadora – “Querem ouvir outra vez a canção do amigo?”

Crianças – “Sim”

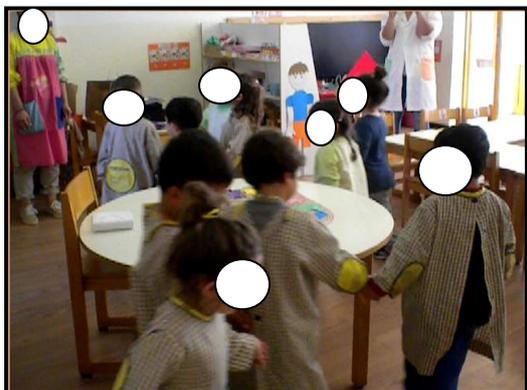


Ilustração 44 - Durante a canção as crianças cantam e dão a mão ao amigo



Ilustração 45 - Crianças dão um abraço no final da canção

Ainda para analisar neste item, temos o “Jogo do Amigo Escondido”, que consistia em uma das crianças se esconder na salinha, e uma outra descobrir qual o/a amigo/a que estava escondido, e quando adivinhasse os dois amigos teriam que dar um abraço. A criança RB foi a primeira a tentar descobrir, mas não conseguiu, entretanto uma das crianças do grupo disse o nome da criança que estava escondida, quando a criança AN apareceu deu um abraço à RB. De seguida foi a vez da criança AN descobrir, e após alguns instantes foi questionada:

Investigadora – “Quem falta AN?”

(após observar durante alguns instantes e com muita atenção o grupo, o AN respondeu)

AN – “Falta o RS” (e os dois deram um abraço de amigos)

De seguida foi a vez da criança RS descobrir quem faltava na roda, olhou para todo o grupo e perguntou:

RS – “Posso ir ver?”

Investigadora – “Não RS, não podes espreitar. Tenta la descobrir, é um menino ou uma menina que falta?”

RS – “Uma menina”

Investigadora – “Olha é uma menina que tem a batinha verde como a tua”

RS – “Já sei, é a HC”, e de seguida deram logo um abraço de amigos.

De seguida quem tentou descobrir foi a criança HC, que se mostrou muito tímida, e não conseguia dizer o nome da criança escondida.

Investigadora – “Então HC, olha posso-te dizer que é um menino”

Neste momento a criança HC teve necessidade de dizer o nome de todos os meninos que estavam na roda, mas mesmo assim não conseguiu adivinhar. Quando se encontraram deram um abraço.

Esta atividade foi muito motivadora para as crianças, para além de ser um jogo novo que elas nunca tinham jogado, estavam sempre entusiasmadas e algumas até tinham dificuldade em guardar para si o nome do amigo que estava escondido, o que durante o jogo aconteceu algumas vezes. Foi um jogo que proporcionou um momento divertido e relaxante, e que para além de remeter para a amizade, permitiu a algumas crianças mais tímidas falarem em frente aos colegas e se libertarem. No final do jogo as crianças queriam repetir mas como já não tínhamos tempo, ficou prometido realizá-lo outro dia. Relativamente à adequação da atividade, esta mostrou-se bastante adequada, não apenas por estarmos a desenvolver atitudes positivas de amizade e companheirismo, mas também porque envolve outras áreas para além da formação pessoal e social, e como por exemplo a área da expressão e comunicação.

Ainda dentro do valor da amizade, analisaremos a sub-tarefa do coração da amizade, uma atividade que envolveu expressão plástica, nomeadamente através da pintura e contorno, de forma a construir um coração cheio de amizade, que envolveu um trabalho a pares, proporcionando assim atitudes de amizade, partilha e ajuda entre os mesmos. Durante toda a atividade as crianças revelaram muito entusiasmo, não só por ser uma tarefa nova, mas também por poderem escolher um amigo e realizá-la com ele. As atividades que envolvem trabalho a pares são sempre do agrado deste grupo de crianças, e esta particularmente por serem eles a escolher com quem queriam partilhar a mesma. Foi construído o coração da amizade, com muito brio e afinho da parte das crianças. Gostaram tanto, que quiseram colocar o coração na entrada da escolinha para

que todos pudessem ver o seu trabalho. Demonstrou ser uma atividade adequada, no sentido em que esteve sempre presente o valor da amizade, mas também os outros valores, e porque o coração foi sempre a referência deste valor para as crianças.



Ilustração 46 - Coração da Amizade

Outra atividade para analisar neste item, e que envolveu também tarefa a pares como a anterior, foi a sub-tarefa 1, o jardim do respeito, uma atividade que abrangeu também a expressão plástica, mas que para além de se direccionar para o respeito, envolveu os outros valores. Iniciaram a atividade preenchendo as borboletas, que se tornou o símbolo do respeito, cortando pedacinhos de papel, no entanto durante a colagem foi possível verificar que algumas crianças se mostraram cansadas, pois de facto esta tarefa era morosa e tornou-se cansativa para alguns pares.

RS – “Diana, já estou cansado!”

DL – “Estou cansado, mas já estou a acabar”

IM – “Diana não quero fazer mais”

No entanto, todos terminaram a atividade e no final as reações aquando da conclusão do jardim do respeito foram muito positivas. As crianças decidiram onde colocar o nosso jardim do respeito, e quando este se encontrava afixado as crianças mostraram sentir-se felizes com o que construíram.

GG – “O nosso jardim ficou mesmo bonito”

MM – “A nossa borboleta está ali vê IM?”



Ilustração 47 - Jardim do Respeito construído pelas crianças

Apesar do cansaço de algumas crianças, no geral as crianças gostaram muito de concretizar, e apesar disso demonstrou ser uma tarefa adequada mas para realizar com mais tempo, tendo em conta que se tornou demorada.

Outra atividade que as crianças revelaram muito interesse, foi a sub-tarefa 3, o circuito dos sinais de trânsito. Esta atividade foi muito motivadora, e demonstrou ser do interesse das crianças, na medida em que durante a concretização da mesma, elas estavam muito envolvidas e divertidas. No final da atividade as crianças quiseram repetir o circuito.

MQ – “Podemos fazer outra vez?”

DL- “Sim, vamos fazer outra vez”

GG – “Esta estrada é mesmo fixe”

Foi uma atividade que acabou por se prolongar dentro da sala, em momentos propícios para as crianças estarem nas áreas, todas queriam brincar com os sinais de trânsito, e até fizeram uma pequena estrada dentro da sala.



Ilustração 48 - As crianças a construir uma pequena estrada na sala, utilizando os sinais de trânsito

Uma outra atividade que mostrou um feedback muito positivo da parte do grupo foi a tarefa final, a construção da manta dos valores. Inicialmente na sub-tarefa 1, as crianças escolheram através de um pictograma qual o valor que queriam para a realização do desenho para a manta. Foi uma tarefa essencial neste projeto, no sentido em que era justo para as crianças serem elas a escolher a temática do seu desenho. Apesar disso, o valor da entreatajuda foi o mais escolhido, e o primeiro a ficar com o número máximo de crianças. O valor da partilha também ficou com quatro crianças como o da entreatajuda, e os valores da amizade e do respeito tiveram três crianças. Foi uma atividade bastante pertinente e do agrado das crianças, pois mostraram-se entusiasmadas com a escolha e também com o grupo em que ficaram inseridas.



Ilustração 49 - Pictograma da escolha dos valores

De seguida, foi realizada a sub-tarefa 2, onde as crianças iniciaram o seu desenho em tecido. Esta tarefa mostrou ser adequada, tendo em conta a faixa etária das crianças, mas também a temática envolvida, as crianças gostaram muito de desenhar em tecido com marcadores, um desenho que elas próprias escolheram relacionada com o valor por elas eleito. A confeção da manta envolveu um trabalho do grupo todo, apesar de cada desenho ser realizado individualmente. Nesta atividade as crianças revelaram muito empenho, e tiveram sempre o cuidado de não se enganarem a desenhar para a manta ficar bonita.



Ilustração 50 - Confeção da manta dos valores

Após todas as crianças realizarem o desenho a manta foi toda cozida, de forma a poder reunir todos os desenhos e envolver todos os valores. Quando a manta foi mostrada às crianças já prontinha, as reações foram muito positivas.

MQ – “O meu desenho está ali, que bonito”

GG – “Os nosso desenhos estão todos juntinhos”

Investigadora – “Já vi que gostaram muito da nossa Mantinha, onde vamos pendurá-la?”

MQ – “Podíamos nos tapar com ela”

Investigadora – “Podia ser, mas não acham que ela devia ser vista por todos os meninos da escola e pelos vossos pais?”

RB – “Sim Sim, vamos por a manta lá fora Diana”

E assim foi, em consenso com todos, decidimos que a manta deveria ficar no hall de entrada para que todos pudessem apreciar os desenhos e ainda mais importante, que pudessem ficar também sensibilizados para os valores sociais.



Ilustração 51 - Manta dos Valores

A sub-tarefa 3, a montagem do puzzle, foi uma tarefa de análise, onde através dela seria possível verificar se as crianças ao longo de todas as atividades e histórias, tinham percebido todos os valores, e de que forma eles se podem representar. Esta atividade foi realizada individualmente, e o facto de ser um puzzle despertou a atenção de todas as crianças, sem exceção. Gostaram tanto que depois quiseram ficar com o puzzle na área dos jogos para o poderem montar mais algumas vezes. Enquanto montavam o puzzle as crianças mostravam-se entusiasmadas e o feedback foi muito positivo.



Ilustração 52 - Crianças a montar o puzzle

4.2. Síntese da análise e interpretação de dados

Perante a identificação do valor implícito em cada história, verifica-se que este grupo de crianças revela facilidade na compreensão das histórias, do enredo e das atitudes das personagens. Muito embora, tenham surgido algumas dificuldades aquando da chegada ao valor implícito, nomeadamente na história “caracol e lagarta”, onde se verifica dificuldades das crianças em chegarem à palavra partilha. As restantes histórias tiveram evoluções diferentes, no sentido em que foi mais fácil para as crianças evidenciarem qual o valor subentendido. É possível verificar que nesta faixa etária as crianças têm facilidade em compreender histórias, mas que demonstram dificuldade em verbalizar o valor implícito em algumas histórias. De qualquer forma, nas restantes três histórias as crianças identificaram com facilidade os valores subentendidos, apenas na primeira houve essa dificuldade, muito provavelmente a história não foi a mais adequada. Importa salientar que o facto de ter usado como estratégia de animação, tanto o tapete das histórias como os fantoches, possibilitaram um melhor envolvimento e receptividade das crianças.

Relativamente à operacionalização do valor, pude verificar ao longo de todas as atividades que houve uma progressão, nas primeiras atividades algumas crianças não se mostravam muito receptivas a desempenhar comportamentos mais adequados, o que ao longo das tarefas se veio a provar o contrário. Apesar desta faixa etária se caracterizar pelo egocentrismo, este grupo de crianças demonstrou ao longo do tempo que se sabia comportar e ter atitudes positivas de partilha, amizade, ajuda e respeito. De um modo geral, as crianças evidenciaram comportamentos adequados e puseram em prática os valores aprendidos, como na atividade do recadinho, na identificação de atitudes de ajuda e não ajuda, aquando da dramatização de uma situação concreta de desrespeito, e principalmente no circuito dos sinais de trânsito, remetendo para o respeito, a amizade e a ajuda durante a atividade. Ao longo das tarefas foi possível visualizar uma melhoria nos comportamentos das crianças, através de pequenas atitudes e de correções que iam fazendo uns aos outros na salinha, e nisso as atividades realizadas tiveram peso.

Perante a demonstração de interesse do grupo pelas atividades, importa referir que algumas atividades foram mais envolventes e estimulantes do que outras, como foi o caso da canção do amigo, do circuito dos sinais de trânsito e da construção da manta, estas atividades foram as que revelaram um maior interesse por parte das crianças. Tendo em conta as atividades de partilha, penso que foram poucas e que por esse motivo não despertou muito interesse nas crianças, ao contrário das atividades do valor da amizade, que também se torna um valor mais fácil de expressar, estas atividades tiveram uma predisposição muito maior das crianças e um envolvimento significativo. No entanto, importa salientar que nas tarefas de ajuda e respeito, notou-se também uma motivação acrescida durante a realização das mesmas.

Em suma, as crianças ao longo das atividades demonstraram diferentes atitudes e comportamentos, que de algum modo se podem relacionar com as suas vivências e particularidades. Foram sempre muito recetivas a novas e diferentes atividades, e provaram que nesta faixa etária é possível inculcar valores sociais e principalmente fazê-los transparecer.

5. Conclusões do Estudo

Nesta última secção serão apresentadas as principais conclusões deste estudo de investigação, tendo em conta os objetivos definidos. São também evidenciadas as limitações do estudo, bem como recomendações para ações futuras em relação ao estudo em questão.

5.1. Principais Conclusões do Estudo

Após a análise criteriosa dos resultados obtidos, podemos retirar as principais conclusões relativas ao estudo efetuado. Primeiramente denota-se que **as crianças demonstraram muita recetividade para as histórias e para a compreensão das mesmas**. Este facto foi comprovado ao longo do estudo, aquando da exploração das histórias infantis utilizadas no estudo, onde as crianças se mostraram sempre muito motivadas para a hora do conto, antecipando sempre com agrado, do que nos falaria cada história. Perante esta situação importa referir que **as estratégias utilizadas para a dramatização das histórias se mostraram adequadas**, tendo em conta os materiais utilizados, e a forma como estes lhes foram apresentados. Pude verificar que aquando da utilização do tapete das histórias, do fantocheiro, ou mesmo do vídeo, houve uma maior motivação e atenção das crianças mediante a história que lhes era apresentada.

No entanto, é importante salientar que nesta faixa etária se torna difícil manter a atenção das crianças durante muito tempo, e por esse motivo houve a preocupação de arranjar estratégias de animação de histórias de forma a envolvê-las e a não tornar a hora do conto num momento desinteressante.

Ao longo do estudo, foi também possível verificar que as crianças demonstram facilidade em perceber quando existem comportamentos desajustados, e nomeadamente em diversas situações foram elas mesmas a corrigi-los, seja a elas próprias ou aos colegas. Apesar desta faixa etária ser caracterizada pelo egocentrismo e pela dificuldade que as crianças têm em se descentralizar de si próprias, este grupo demonstrou ao longo de todas as sessões uma melhoria significativa ao nível da prática dos valores sociais para os

quais foram sensibilizados. O grupo evidenciava comportamentos adequados, referenciando muitas vezes atitudes de algumas personagens das histórias que lhes foram apresentadas, e por esse motivo pude aferir que **na maioria das vezes as crianças conseguiram expressar o valor implícito em cada história**, e que sabiam diferenciar o que estava certo do que estava errado.

No entanto, não foram só as histórias a ter um papel essencial nesta sensibilização para os valores, a prática dos mesmos através de todas as atividades realizadas teve um peso muito importante nesta aquisição de comportamentos e atitudes favoráveis. Atividades que envolveram a partilha, a entreaajuda, a amizade e o respeito, permitiram-me verificar que as crianças evoluíram enquanto seres humanos, procurando sempre demonstrar que punham em prática tudo que aprenderam. O facto de ter sido um grupo pequeno também facilitou esta evolução, na medida em que me permitiu em diversas atividades criar pares, ou pequenos grupos, para que também eles evidenciassem comportamentos aquando de situações em que tivessem que partilhar materiais, ou de se entreaajudarem, demonstrando amizade e respeito uns pelos outros, e procuravam reforçar muitas vezes esses comportamentos exemplificando atitudes das personagens das histórias.

Posto isto, pude concluir que as histórias infantis são de facto um veículo importante e contribuem afincadamente para a formação de valores sociais nas crianças do pré-escolar, no entanto importa salientar que sem a prática dos mesmos, com atividades diversificadas e transversais a todas as áreas e domínios, esta sensibilização e transmissão de valores não se torna possível. Assim sendo, e respondendo positivamente à questão de investigação deste estudo, pudemos afirmar que **as histórias infantis podem de facto constituir uma estratégia adequada para incutir valores na educação pré-escolar**.

5.2. Limitações do Estudo

No decorrer de todo o estudo foram-se identificando algumas limitações de natureza distinta. A primeira limitação era o fator tempo, que foi logo identificado no início do estudo, ficou muito claro que teria de ser concluído num semestre, e que por esse motivo não poderíamos realizar um estudo com uma intervenção mais prolongada. Se este mesmo estudo pudesse ter sido implementado durante mais tempo, os resultados seriam obviamente mais convictos e aprofundados, e as atividades e estratégias também seriam mais diversas, procurando contribuir ainda mais para a formação de valores e nomeadamente para a aquisição dos mesmos.

Para além do fator tempo, é fundamental refletir sobre o papel de estagiária, pois mais uma vez quando se delineou o projeto foi tido em conta que se estava a realizar a unidade curricular de PES II, e ainda pelo facto de se estar num local onde não tinha pleno domínio e à vontade. O facto de desempenhar ao mesmo tempo o papel de estagiária e investigadora, num curto espaço de tempo, foi um desafio, que felizmente foi possível concluir.

5.3. Recomendações para Ações Futuras

Considerando os resultados obtidos considero muito importante que este projeto tivesse uma continuidade no futuro, tendo em conta que o grupo se encontra na faixa etária dos três anos, era vantajoso que nesse sentido, não se deixasse de lado uma temática tão importante para a formação pessoal e social das crianças, e nomeadamente também para o comportamento em sala de aula e no recreio. Esta consideração é fundada pelo facto de ser pertinente continuar a construir valores no pré-escolar, e principalmente continuar a sensibilizar não só este grupo, mas todos os outros para a importância da formação de valores.

PARTE III – REFLEXÃO FINAL

Reflexão Final da PES

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, foi-me proporcionada uma intervenção educativa neste contexto, quer no primeiro semestre, com a Prática de Ensino Supervisionada I, quer no segundo semestre com a Prática de Ensino Supervisionada II, onde concretizei o meu projeto, cujo tema é “Histórias com Valores: um estudo com crianças de 3 anos”, com um grupo de crianças de três anos de idade. Nesse sentido, a PES I, decorreu durante 8 semanas, com uma intervenção semanal, a PES II, por sua vez, decorreu durante 14 semanas com três intervenções semanais, o que fez bastante diferença a nível de crescimento pessoal e enquanto futura Educadora de Infância.

Deste modo, é importante refletir sobre esta etapa, que agora terminou, referindo os pontos fortes e menos fortes, e nomeadamente as aprendizagens alcançadas e as limitações que por vezes surgiram.

A Prática de Ensino Supervisionada I, foi como uma primeira abordagem, o facto de ser apenas uma intervenção por semana, não nos permitia conhecer as crianças de uma forma mais aprofundada, as suas aprendizagens e dificuldades, no entanto foi possível realizar intervenções enriquecedoras e o máximo possível diversificado. O domínio do grupo era uma tarefa árdua, não me sentia completamente à vontade, e o facto de ser apenas uma vez por semana também dificultava.

Desenvolver uma prática de estágio em contexto de pré-escolar, de um modo mais intensivo do que já tinha sido realizado na PES I, fez com que o meu conhecimento e até mesmo a minha opinião mudassem. Conviver com um grupo de pré-escolar na faixa etária dos 3 anos foi uma experiência marcante, e serão sempre os “nossos meninos”, com os quais estabelecemos laços e aprendizagens enriquecedoras, não só para as crianças mas também para nós.

Fazendo uma retrospectiva de toda a Prática de Ensino Supervisionada, posso referir que foram catorze semanas muito intensas, e nas primeiras semanas o medo de falhar estava sempre presente e a responsabilidade que tinha de assumir para com o grupo de crianças era muita. Éramos nós que íamos trabalhar, gerir e orientar as aprendizagens durante todas essas semanas. Contudo, estes receios eram confortados

com o simples ato de entrar na sala e estar perante um grupo de que gostamos muito e que queríamos ver evoluir. Assim sendo, as práticas desenvolvidas neste contexto não contribuíram apenas para a nossa formação, mas também para o nosso desenvolvimento pessoal. Realizar diversos trabalhos em grupo, em pares, contribuiu para que o trabalho fosse mais rico de dia para dia. Este aspeto verificava-se, principalmente, na elaboração das planificações, pois, mesmo sendo sessões individuais o par elaborava, partilhava e criava as sessões mutuamente, e nada melhor que trocar e discutir ideias sempre com o intuito de conduzir as crianças a aprendizagens significativas.

Após as implementações surgia um outro momento essencial para o grupo, a reflexão sobre as práticas. Neste momento o contributo não partia apenas do grupo mas sim dos professores (supervisores). A discussão e a alusão de críticas construtivas foram essenciais para que o nosso trabalho melhorasse e crescesse de dia para dia. O apoio dos professores foi extremamente importante, não só nas reflexões mas também na conduta de todas as nossas práticas.

É ainda importante referir que ao longo de todas as nossas práticas tivemos sempre o cuidado de ter presente a articulação entre os conteúdos e as várias áreas e domínios, abordando-os sempre de forma criativa e apelativa.

Em termos de dificuldades encontradas ao longo da prática, devo ainda evidenciar que foi na articulação dos conteúdos que senti mais dificuldade, pois foram muitos os conteúdos trabalhos e nem sempre era fácil criar uma articulação/fio condutor entre todos eles. Contudo, apelando à criatividade e ao conjunto de ideias conseguimos sempre dar o nosso melhor em cada sessão.

O controlo do grupo foi também um dos pontos em que senti maior dificuldade, apesar de ser um grupo pequeno, com 15 crianças, na faixa etária dos 3 anos de idade, era bastante heterogéneo, em termos de desenvolvimento cognitivo, de aquisição de conhecimentos e aprendizagens, e em termos de comportamento. Tinham diferentes ritmos de trabalho, e como é óbvio muitas vezes o contexto familiar, económico e social não me deixaram indiferente, daí a necessidade de haver em muitos momentos uma necessidade de desenvolver um trabalho mais individualizado, que permitisse às crianças desenvolver as competências esperadas para a sua idade. Ao longo do tempo fui

adotando diferentes estratégias, nomeadamente canções, que neste grupo resultavam muito bem, noutros momentos em que estávamos em situações de lanche e higiene, as próprias crianças solicitavam a leitura de histórias. Era um grupo muito afetuoso, e criei uma ligação muito forte com estas crianças, e elas connosco, apesar de serem pequeninas, quando lhes dissemos que íamos embora, elas pediram muito para que ficássemos. Importa também referir que houve uma evolução estrondosa, as crianças evoluíram imenso, e a cada semana nós tentávamos sempre estimulá-las ainda mais, levando atividades cada vez mais desafiadoras e enriquecedoras.

No final desta prática profissional, ficou a sensação de que estas sessões foram reduzidas e que o tempo passou muito rápido, ao contrário do que esperada inicialmente. Nem sempre consegui concretizar todas as minhas ideias, na maioria das vezes por falta de tempo, e por saber que este grupo de crianças precisava do seu tempo em cada atividade, embora eu achasse que era um grupo com muitas potencialidades.

Todos os momentos vivenciados neste contexto de jardim de infância, ajudaram-me a adquirir alguma prática relativamente a estratégias a utilizar e às várias posturas a apresentar perante o grupo. Viver o papel de educadora foi muito desafiador, pois percebi que este deve promover a comunicação verbal e não verbal, de forma a criar um clima favorável à aprendizagem, ao bem estar e ao desenvolvimento afetivo, emocional e social das crianças, e desse modo ser necessário utilizar diversos e variados recursos que promovam o sucesso e um bom desenvolvimento das crianças.

Referências Bibliográficas

Aguilar, L. (2014). *Orelhas de Borboleta*. Matosinhos: Kalandraka.

Albuquerque, F. (2000). *À Descoberta da Palavra Redondinha – A Linguagem na Primeira Infância*. Porto: Porto Editora.

Albuquerque, F. (2000). *A Hora do Conto*. Lisboa: Editorial Teorema.

Alcoforado, A. C. (2003). *Nós...No espaço Literário*. A criança, a língua e o texto literário: Da investigação às práticas. Actas do I Encontro Internacional. Braga: Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna. Universidade do Minho. Acedido em Setembro de 2015 de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3629/1/ActasCompletasBRAGA%202003.pdf>

Almeida, C. M. (4 de Outubro de 2009). *Livros – Aprender com Manawee*. Obtido em 6 de Junho de 2015, de Casa da Leitura: http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_animais_literatura_infantil.pdf

Azevedo, F. (2006). *Língua Materna e Literatura infantil: Elementos Nucleares para Professores do 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.

Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bogdan, R.& Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

De Ketele, J. (1980). *Methodologie de observation*. Bruxelles: De Boeck.

Denzin, N. & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research. Thousand Oaks*.

Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores* (4º ed.). Porto Editora.

Filho, J.N.G. (2009). *Literatura infantil – múltiplas linguagens na formação de leitores*. Editora Melhoramentos. Acedido em Julho de 2015 de <http://books.google.pt/books?id=6XTJrrEcyEAC&printsec=frontcover&dq=literatura+infantil++multiplas+linguagens&hl=ptPT&sa=X&ei=BtxzUCTIY6S7AbZlYCYBA&ved=0CDkQ6AEwAA#v=onepage&q=literatura%20infantil%20-%20multiplas%20linguagens&f=false>.

Grejniec , M. (2003). *A Que sabe a Lua*. Matosinhos: Kalandraka.

Lemos, E. (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional - Direção Geral da Educação Permanente.

Magalhães, M. L. (2009) Emergência dos Conceitos de texto e de interpretação na Infância. A criança, a língua e o texto literário: Da investigação às práticas. Actas do I Encontro Internacional. Braga: Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna. Universidade do Minho. Acedido em Julho de 2015 de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3629/1/ActasCompletasBRAGA%202003.pdf>.

Marques, R. (1998). *Ensinar Valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora.

Marques, R. (2002). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.

M. E. (1997). *Orientações Curriculares no Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Neves, M. (2008). História Crítica da Fábula na Literatura Portuguesa. O Animal Fabular: Elementos para uma Genealogia Conceptual. Acedido de http://www.memoriamedia.net/bd_docs/Fabula/6.O%20animal%20fabular_Marcia%20Neves.pdf. Visualizado em Julho de 2015.

Pires, M. L. (2000). *Ensaio: Notas e Reflexões*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pires, M. L. (1983). *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa: Vega.

Quintero, A. (2008). *Caracol e Lagarta*. Pontevedra. Espanha: OQO Editora.

Ramos, A. M. (2007). *Livros de Palmo e Meio*. Lisboa: Caminho.

Rodrigues, M. C. & Oliveira, P.A (2009) *Análise de livros infantis para a promoção de desenvolvimento sociocognitivo em pré-escolares*. Estudos de Psicologia. Campinas. Acedido em Junho de 2015 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/06.pdf>.

Sim-Sim, I. , Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância - Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Smallman, S. (2009). *A Ovelhinha que veio para o Jantar*. Lisboa: Dinalivro.

Spodek, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Traça, M. (1992). *O Fio da Memória*. Porto: Porto Editora.

Anexos

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Ex.mo Encarregado de Educação

Somos alunas do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e durante este ano letivo vamos desenvolver a nossa Prática de Ensino Supervisionada na sala do seu educando. Para desenvolver a nossa prática necessitamos de recolher algumas informações em formatos de vídeo ou de fotografia, relativas ao modo como as crianças desenvolvem diferentes atividades. A nossa Prática de Ensino Supervisionada contará com a Supervisão da Orientadora Cooperante (nome).... e da equipa de Supervisores da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Com estes registos pretende-se, entre outros objetivos, proporcionar momentos privilegiados com diferentes atividades para o seu educando.

Como estas atividades estão integradas na nossa Prática de Ensino Supervisionada será importante que se efetue a filmagem ou se tire algumas fotografias das sessões com a finalidade de se proceder à análise, discussão e reflexão do processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, vimos pedir a V. Ex.^ª autorização para se efetuarem filmagens ou fotos para uso exclusivo da Prática de Ensino Supervisionada em causa, com o compromisso de que todo o material recolhido será utilizado apenas para esse fim e será destruído quando não for necessário.

Viana do Castelo, 08 de outubro de 2014

As mestrandas

A Orientadora Cooperante

O encarregado de educação

História: “Caracol e Lagarta” de Armando Quintero

O caracol estava a comer uma folha. A lagarta também comia uma folha.

Era uma folha verde, enorme, saborosa.

Come que come por um lado, como que come por outro.

De repente, encontraram-se. O caracol e a lagarta olharam-se com cara de poucos amigos.

- O que estas a fazer? - perguntou o caracol.

- A comer a folha! - respondeu a lagarta

-Esta folha é minha! – disse o caracol zangado

- Não, esta folha é minha!- disse a lagarta

- É minha! – disse o caracol

- Minha! – disse a lagarta

Então viram uma pomba branca, come que come por um lado, come que come por outro, acabou com a folha verde, enorme e saborosa.

- Obrigada pela alface! – disse a pomba - Que bem que me soube!

O caracol e a lagarta olharam-se sem saber o que fazer, então fizeram as pazes e foram passear no jardim!

Logo depois, encontraram outra folha de alface. O caracol sorriu à lagarta, a lagarta sorriu ao caracol.

E come que come por um lado, e come que come por outro, o caracol e a lagarta fizeram um banquete com aquela folha verde enorme e saborosa.

Quando a lua espreitou no céu, o caracol e a lagarta foram para casa. A pomba disse lá do alto:

- Boa Noite amigos!

História: “A que sabe a lua” de Michael Grejniec

Há muito tempo que os animais desejavam averiguar a que sabia a lua. Era doce ou salgada? Só queriam provar um pedacinho. À noite, olhavam ansiosos para o céu. Esticavam-se e estendiam os pescoços, as pernas e os braços, tentando atingi-la. Mas era tudo em vão, e nem o maior dos animais era capaz de tocá-la. Um belo dia, a pequena tartaruga decidiu escalar a montanha mais elevada para poder chegar á lua. Vista lá de cima, a lua estava mais próxima, mas a tartaruga ainda não podia tocá-la. Então chamou o elefante.

- Sobe para as minhas costas, talvez cheguemos à lua. A lua pensou que se tratava de um jogo e, à medida que o elefante se ia aproximando, afastou-se um pouco. Como o elefante não pôde tocar a lua, chamou a girafa.

- Se subires para as minhas costas, melhor a alcançaremos. Mas ao ver a girafa, a lua distanciou-se um pouco mais. A girafa esticou, esticou o pescoço quanto pôde, mas não serviu de nada. E chamou a zebra.

- Se subires para as minhas costas, é provável que nos aproximemos dela. A lua começava a divertir-se com aquele jogo e afastou-se outro pedacinho. Também a Zebra não conseguiu tocar a lua e chamou o leão.

- Se subires para as minhas costas talvez possamos alcançá-la. Mas quando a lua viu o leão, tornou a subir um pouco mais. Também desta vez não consegui tocar a lua, e chamaram o raposo.

- Verás que conseguimos, se subires para as minhas costas – disse o leão. Ao ver o raposo, a lua afastou-se mais um pedacinho. Agora só faltava um pouquinho de nada para tocar a lua, mas esta desvanecia-se cada vez mais. E o raposo chamou o macaco.

- De certo, desta vez conseguimos. Anda, sobe para as minhas costas! A lua viu o macaco e retrocedeu uma vez mais. O macaco já podia cheirar a lua, mas tocá-la, nem pensar! E chamou o rato.

- Sobe para as minhas costas e tocaremos a lua. A lua viu o rato e pensou: - Um animal tão pequeno, certamente não poderá alcançar-me. E como já começava a aborrecer-se

com aquele jogo a lua ficou onde estava. Então o rato passou trepando por cima da tartaruga, do elefante, da girafa, da zebra, do leão, do raposo, do macaco e...de uma dentada só, arrancou um pequeno pedaço da lua. Saboreou, satisfeito, e depois foi dando migalhas do pedacinho ao macaco, ao raposo, ao leão, à zebra, à girafa, ao elefante e à tartaruga. E a lua soube-lhes exatamente àquilo que cada um deles mais gostava.

Nessa noite, os animais dormiram muito juntos.

O peixe que tinha visto tudo sem entender nada, disse: - Esta é boa! Tanto esforço para chegar à lua, lá em cima no céu, tão longe... Acaso não vêem que aqui na água há outra tão perto?

História: “A ovelhinha que veio para o jantar” de Steve Smallman

— Oh não! OUTRA VEZ sopa de legumes! — queixou-se o lobo, que já era velhinho. —

Quem me dera ter uma ovelhinha aqui à mesa. Fazia já um belo ensopado de borrego!

Eis senão quando... TRUZ! TRUZ! Quem batia à porta era uma linda ovelhinha!

— Posso entrar? — perguntou ela.

— Claro, minha querida! A casa é tua! Vieste mesmo à hora do jantar — disse o lobo que, para além de ser velhinho, também era muito matreiro... A ovelhinha estava cheia de frio.

— BRRRR! BRRRR! — fazia ela a tremer.

— Mas que azar o meu! — sussurrou o lobo. — Logo me calhou uma ovelhinha congelada! Não gosto de comida assim!...

Então, o lobo lembrou-se de pôr a ovelhinha ao pé da lareira para ela se aquecer e, todo apressado, foi procurar a sua receita preferida de ensopado de borrego.

Mnham mnham!... Já lhe crescia água na boca só de pensar no seu delicioso repasto. Mas não era só o lobo que estava com fome. A barriga da ovelhinha também já estava a dar horas...

— Mas que azar o meu! — pensou o lobo. — Não posso comer uma ovelhinha toda esfomeada! Até me podia fazer mal ao estômago! Então o lobo ofereceu à ovelhinha uma cenoura.

— Assim, já tenho borrego recheado! A ovelhinha devorou a cenoura tão depressa que ficou com soluços. — HIC, HIC, HIC! — fazia ela sem parar. — Ai, ai! Que azar o meu! — lamentou-se o lobo.

— Quem é que come uma ovelhinha cheia de soluços? Até pode ser contagioso!

O problema é que o lobo não percebia nada de soluços. Como é que se acabava com eles?

— E se eu atirasse a ovelhinha ao ar?

— HIC! Mas não resultou.

— E se eu a virasse ao contrário?

— HIC! Mas não resultou.

— E se eu a abanasse de um lado para o outro? Mas também não resultou. Então o lobo pegou na ovelha ao colo e começou a dar-lhe palmadinhas nas costas com a sua pata coberta de pêlos!

Os soluços da ovelhinha não tardaram a passar e ela adormeceu num instante, enroscada no pescoço do lobo. O lobo, que já era velho, ficou muito embaraçado porque nunca tinha sido abraçado pelo seu futuro jantar. E como seria de esperar, a fome, afinal, já nem era tanta... A ovelhinha ressonava baixinho encostada às orelhas do lobo.

— RRRROONCHHH! RRRROONCHHH! — fazia ela. — Que azar o meu! — queixou-se o lobo. — Como é que vou comer uma ovelha que está a rressonar?

O lobo sentou-se na cadeira de balouço ao pé da lareira, com a ovelhinha nos braços.

— Já nem me lembro da última vez que alguém me fez uns mimos! — reconheceu o lobo.

Mas assim que o lobo começou a cheirar a ovelhinha, ficou deliciado com o seu perfume!

— OHHH! — suspirou o lobo. — Se eu a comesse depressa ela nem sequer dava por isso.

E quando o lobo se preparava para engolir a ovelhinha... ela acordou e deu-lhe um grande beijinho! CHUAC!

— NAÃOOO! — gritou ele. — Isso não vale! Eu sou um lobo mau e tu és um ensopado!

— Um enlatado? — perguntou a ovelhinha a sorrir. E confessou: — Eu sei lá o que é isso!

— Que é que eu faço à minha vida?! — exclamou o lobo. — Bom, vais mesmo ter de te ir embora! Muito decidido, o lobo pôs a ovelhinha na rua, mas primeiro deu-lhe um agasalho.

— SOME-TE DAQUI!!! — gritou. — Se ficares, como-te e depois já não te podes arrepender.

E com um grande estrondo fechou a porta. BANG! Lá fora, a noite era escura e fria. E a ovelhinha não parava de bater à porta.

— Oh, Loobo! Loobo? — suplicava ela. — Deixa-me entrar!

Mas o lobo, que já era velho, tapou as orelhas com as patas e pôs-se a cantar «LA, LA, LA, LA, LA, LA!» até a ovelhinha se calar.

Finalmente, tudo estava em silêncio. — Ainda bem que ela já se foi embora! — suspirou o lobo aliviado.

— Aqui ela não estava em segurança. Um lobo velho e esfomeado como eu é sempre capaz do pior! Mas pouco depois, o lobo começou a pensar na ovelhinha, sozinha e desamparada na escuridão da floresta. — Talvez ela se perca... — Talvez morra de frio....

— Talvez caia nas garras de um bicho... — OH, NÃO! O QUE É QUE EU FUI FAZER? — perguntou ele arrependido.

Sem querer perder tempo, o lobo pôs-se de pé e abriu a porta. Mas infelizmente não havia sinal da ovelhinha. O lobo, que já era velho, correu aos berros pela floresta fora:

— Ovelhinha, ovelhinha, volta, não tenhas medo! Prometo que não te como!

Passado muito, muito tempo, o velho lobo, triste e encharcado, regressou sozinho à sua quinta. Estava mesmo desanimado. Abriu a porta e, qual não foi o seu espanto, quando viu a ovelhinha ao pé da lareira!

— VOLTASTE! És mesmo tu? Não tens outro sítio para onde ir? — perguntou o lobo muito eufórico.

E a ovelhinha abanou a cabeça, dizendo que não. — Que... que... queres ficar aqui comigo? — convidou o lobo a gaguejar. A ovelhinha olhou para ele, olhos nos olhos.

— E tu prometes que não me comes? — quis saber ela. — NÃO! CLARO QUE NÃO! — afirmou ele.

-Como é que eu podia comer uma ovelhinha que precisa de mim? Até podia ficar com o coração partido...

A ovelhinha sorriu e atirou-se para os braços do lobo, que já era velho.

— Estás com fome, enlatado? — perguntou ele. — Que tal uma sopinha de legumes?.

História: “Orelhas de Borboleta” de Luísa Aguilar

- A Mara é orelhuda!

«Mãe, tu achas que eu sou orelhuda?»

«Não, filha. Tens é orelhas de borboleta.»

«E como são as orelhas de borboleta?»

«São orelhas que revolteiam sobre a cabeça e pintam as coisas feias de mil cores.»

«A Mara tem cabelo de palha de aço!»

«Não, não! O meu cabelo é como relva recém - cortada.»

«A Mara está vestida com uma toalha de mesa!»

«Não, não! Tenho é um vestido aos quadrados para jogar xadrez.»

«A Mara tem uma meia rota!»

«Não, não! Tenho é um dedo curioso.»

«A Mara calça sapatos velhos!»

«Não, não! São é sapatos muito viajados.»

«A Mara não tem mochila, nem carteira!»

«Pois não! Para correr livre como uma gazela.»

«A Mara lê sempre livros usados!»

«Não, não! Já foram é acariciados por mil mãos mais.»

«A Mara tem as tripas a fazer barulho!»

«Não, não! Tenho é uma orquestra na barriga.»

«A Mara é um espeque!»

«Não, não! De bicos de pés posso é abraçar a lua.»

«A Mara é orelhuda! Ou vais dizer-nos que são orelhas de borboleta?»

«Não! São só orelhas grandes. Mas não me importa!»